Klaus G.Hering

A Fenomenologia do Ato Mental

A FENOMENOLOGIA DO ATO MENTAL

A FENOMENOLOGIA DO ATO MENTAL

Klaus G.Hering

Diagramação: Marcelo Alves

Capa: Gabrielle do Carmo

A Editora Fi segue orientação da política de distribuição e compartilhamento da Creative Commons Atribuição-Compartilhalgual 4.0 Internacional
https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR

O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

H546f Hering, Klaus G.

A fenomenologia do ato mental [recurso eletrônico] / Klaus G. Hering. – Cachoeirinha : Fi, 2025.

75p.

ISBN 978-65-5272-063-4

DOI 10.22350/9786552720634

Disponível em: http://www.editorafi.org

1. Filosofia da mente – Fenomenologia - Epistemologia. I. Título.

CDU 13:165.6/.8

Catalogação na publicação: Mônica Ballejo Canto – CRB 10/1023

SUMÁRIO

I 7
Introdução

II 11
O agora fenomenológico

III 13
A estrutura intencional da mente

IV 37
Hermenêutica fenomenológica da verdade em Hegel

V 49
A alienação de Marx e a superação da economia política como ciência

VI 71
Considerações finais

VII 73
Bibliografia

I
INTRODUÇÃO

Na Idade Média o pensamento filosófico ocidental foi fortemente influenciado pela crença religiosa judaico-cristã, e parcialmente islâmica, para as quais, de acordo com a Wikipedia, "a revelação divina é elemento essencial". Jeová, Deus, Alá, são os seres metafísicos detentores da verdade absoluta, objetivo epistemológico dos pensadores não somente daqueles tempos, mesmo ainda após o Iluminismo, como se verá em Hegel no Capítulo IV. Pressuposto do qual decorreria uma ética, sistema de normas a ser obedecido pelos humanos. Se não alcançável pelo limitado da inteligência nossa, mas acessível a profetas por revelação divina. Este estigma da busca por verdade absoluta, impulsionado pela força de fé religiosa, o estabelecimento de uma ética orientadora do comportamento da sociedade, no entanto, tem raízes políticas, como bem o mostra Freud em sua última publicação[1], mencionando a atuação de Akenaton ao impor o monoteísmo no antigo Egito por razões de Estado, e Moisés, com os 10 mandamentos divinos, buscando abrandar a prevalência dos interesses egoístico-individuais e promover a integração social do povo hebreu.

No Século XIX, com o sucesso da ciência física sem apelos a divinos e metafísicos pressupostos e após o descrédito do hegelianismo em sua verdade absoluta, a cultura ocidental recebeu novo estigma perturbador. Sob o protagonismo de Marx, aflorou um enfoque ideológico junto às antigas crenças religiosas, pretendendo se embasar no bem sucedido método científico apto a desvendar as leis que regem

[1] FREUD, S. *Der Mann Moses und die monotheistsche Religion*

os fenômenos empíricos. O imiscuir-se filosofia, ideologia e ciência no assim-chamado marxismo-leninismo vem bem expresso na sentença de Lenin[2],

> "... já em 1843, quando Marx primeiramente começou a ser Marx, isto é, ao tornar-se o fundador do socialismo como ciência, o fundador do materialismo moderno, ... – já naquele tempo Marx traçou com admirável clareza as linhas fundamentais da filosofia."

A visão da Economia Política como ciência, Marx a apreendeu de Adam Smith e Ricardo e, a partir, em especial deste último, com a teoria neoclássica até Keynes no século passado, se desenvolveu um paradigma científico da teoria econômica que se mostrou inócuo por pretender formular expectativas de ação econômica a base de variáveis cujos valores são incomensuráveis. Como se verá no Capítulo III, o sentimento de agrado ou desagrado auferido por uma ação de um indivíduo, não é necessariamente previsível, como o é a estimativa da posição da Lua em relação à Terra amanhã à meia-noite. O predominante paradigma científico da Economia Política carece, pois, de ajustes para se tornar operacional.

A interpretação dos textos doravante utilizados se dará no espírito da hermenêutica de Gadamer[3], de uma forma concisa como expresso em Mautner[4],

---

[2] Lenin: Werke, Band 14, S.340 und 341, em INSTITUT FÜR MARXISMUS-LENINISMU S BEI M ZK DER SED KARL MARX FRIEDRICH ENGELS ERGÄNZUNGSBAN D: *„... schon im Jahre 1843, als Marx eben erst begann, Marx zu werden, d.h. zum Begründer des* ***Sozialismus als Wissenschaft****, zum Begründer des modernen Materialismus,... - schon zu jener Zeit umriß Marx mit erstaunlicher Klarheit die* ***Grundlinien der Philosophie****.";*

[3] GADAMER, H. G. *Wahrheit und Methode*

[4] MAUTNER, T. A Dictionary of Philosophy. Blackwell Publishers, 1988, p.163: "To understand the meaning of a text … is always to relate it to one's own concepts, preconceptions and prejudices …"

> ''Para compreender o significado de um texto ... há de se relacioná-lo sempre com seus próprios [do intérprete] conceitos, pressupostos e preconceitos''.

Mais especificamente, a abordagem será de uma ótica fenomenológica.

II

O AGORA FENOMENOLÓGICO

Partir-se-á de uma perspectiva de temporalidade capaz de trazer mais claramente à luz a dimensão dinâmica do ato mental para sua melhor compreensão. Tal é o ponto de vista do Agora (*Now, Jetzt, Maintenant*[1], *Hac Hora*), congregando no presente momento, passado e expectativas. Poder-se-ia colocar essa temporalidade como

Ego sum hac hora
Ciente D'estar sendo Tão-somente Neste agora Fugidio
Já agora Outro agora.
Infindos agoras Ou um só Absoluto
Enquanto estiver sendo?

Flor do Lácio Última Albergas Convívio único
De instantâneo estar Com duradouro ser
Em universal Estar sendo.

Na elaboração de um quadro conceitual adequado, o conceito de relação intencional herdado da Idade Média por Brentano[2] como citado por Brito[3] na segunda metade do Século XIX, possibilita desenvolver uma estrutura adequada para a descrição fenomenológica do ato mental:

---

[1] Como na canção de Charles Aznavour, integrando no agora, o passado e o futuro: *Et maintenant, que vais-je faire, maintenant, que tu est parti ... .*

[2] BRENTANO,F. *Psychognose*

[3] BRITO, E.O, citando "Franz Brentano e a descrição dos atos psíquicos intencionais: uma exposição esquemática do manuscrito *Psychognose* de 1890" publicado em Ágora Filosófica, Ano 12, n. 1, jan/jun 2012 – 87. Cito no original em alemão, para confronto com a minha interpretação: '*Vor allem … ist es eine Eigenschaft , welche fuer das Bewusstsein allgemein charakteristisch ist, dass es immer und ueberall, d. h., in jedem seiner abloesbaren Teile eine gewisse Art von Relation zeigt, welche ein Subjekt zu einem Objekt in Beziehung setzt. Man nennnt Sie auch intentionale Beziehung. Zu jedem Bewusstsein gehoert wesentlich eine Beziehung*"

> "Antes de mais nada ... é qualidade geral dos atos mentais de, em qualquer de suas partes destacáveis, apresentar, sempre e, em geral, um certo tipo de relação, que associa um sujeito a um objeto. Chama-se a ela também de relação intencional. A cada ato mental pertence essencialmente uma relação."

Traduzindo *Bewusstsein* em Brentano por ato mental, abre-se a possibilidade de considerá-lo em seu aspecto dinâmico e enquadrá-lo na temporalidade do Agora. Tal tradução se fortalece uma vez que o verbo *sein*, traduzido para o português, tem a flexibilidade analítica de se decompor nos verbos ser e estar, de importância para a superação do ser absoluto pelo temporal estar e com a possibilidade de fundi-los em um estar sendo (quiçá melhor traduzido pelo verbo *daseien* e não pelo substantivado heideggeriano *Dasein*).

III

A ESTRUTURA INTENCIONAL DA MENTE

Nível 1, da percepção (*P*). À minha frente, no alto de uma árvore, vejo um pássaro. De penas amarelas e cinzas, bico pontudo, em atraente gorjeio.

Seja ***A*** uma pessoa a perceber esse objeto pousado na árvore, simbolizado por ***o***. Mas além da visão desse objeto, ***A*** se apercebe de uma reação estética sua ao seu gorjeio, um sentimento ***s***. E o impulso que induz ***A*** ao ato de perceber ***o*** e ***s***, simbolizado como ***a***. Destarte, o ato perceptivo pode ser descrito como $^{PA}a^{os}$. Nas palavras de Brentano, o ato mental ***a*** relaciona intencionalmente o sujeito ***A*** aos empiricamente percebidos ***os***.

Ao perceber $^{PA}a^{os}$, ***A*** poderá focar sua atenção nos detalhes do objeto ***o***, em suas ordenadas componentes. Denominando de apercepção esse perceber dos detalhes do percebido objeto, expressos pelo vetor ($^{PA}a^{o1}$, $^{PA}a^{o2}$, $^{PA}a^{o3}$, ...), em função tipo $\phi(^{PA}a^{oi} \dashrightarrow {}^{PA}a^{o})$, espontânea, ao nível ***P***erceptivo da mente.

À função $\phi(^{PA}a^{oi} \dashrightarrow {}^{PA}a^{o})$ corresponde a matriz estrutural objetiva do conteúdo objetivo da mente suscitado pelo percebido $^{PA}a^{o}$, ou, $\Sigma^{PA}a^{o}$,

	PA_ao	PA_ao1	PA_ao2	...	PA_aom	PA_aom1	...
	PA_ao1	PA_ao11	PA_ao21	...	PA_aom1	PA_aom11	...
$\Sigma^{PA}a^{o}$	PA_ao2	PA_ao12	PA_ao22	...	PA_aom2	PA_aom12	...
	...	...	...	...	...	...	...
	PA_aom	...	...	...	...	...	...
	PA_aon	...	...	...	...	...	...
	...	...	...	...	...	...	...

O vetor ${}^{PA}a^{oi}$ se compõe de dois tipos de ordenadas objetivas, as substantivas (${}^{PA}a^{o1}$, ${}^{PA}a^{o2}$, ${}^{PA}a^{o3}$, ...,), como a forma do corpo do pássaro, suas penas e cores, e as fluidas (${}^{PA}a^{om}$, ${}^{PA}a^{on}$, ...), como o seu gorjear e esvoaçar. Por sua vez, também são substantivas as apercebidas ordenadas (${}^{PA}a^{o11}$, ..., ${}^{PA}a^{o22}$, ...), assim como são fluidas as (${}^{PA}a^{om}$, ... ${}^{PA}a^{om12}$,...). Em sintaxe, as substantivas são expressas por substantivos e as fluidas, por verbos.

O perceber (*percipere*) é um ato, uma ação de ***A***, qual ser unicelular à procura de algo em seu meio aquoso. O ver desse pássaro por parte de ***A*** equivale a querer seu em apoderar- se sob a forma de conhecimento, como primeiro passo de subsequente decidir, agir e avaliar a ação.

Tanto o **o**, quanto o **s**, são percebidos. Mas o ser de **a**, da pulsão[1] , dessa força impulsionadora dos seres vivos, em sua busca de conhecimento e de agradabilidade sentimental, subjacente ao ***P***erceber, é transcendental ao entendimento de ***A***, que o conhece somente pelas suas manifestações empíricas **os**.

A Crítica de Kant rompeu com o pressuposto medieval de conhecimento da coisa-em-si, deslocando-a para o transcendental ao entendimento. A ciência física floresceu ao libertar-se do transcendente, do meta-físico, como claramente expresso por Newton[2], focando na ordenada objetiva **o** dos percebidos, ciente do desconhecimento da *real substance* que faz planetas girarem em torno do sol e levar maçãs a despencarem.

O impulso que leva ao ${}^{PA}a^{o}$ vem acompanhado de uma primeira avaliação do resultado dessa ação. Não uma apreciação do objeto **o**, que,

[1] O *Trieb* em Freud, relacionado a *"**E**ρως* na mitologia grega, *Intentionalitaet* em Brentano, *élan vital* em Bergson.

[2] Como se lê em *The Mathematical Principles of Natural Philosophy* de Newton, *"we have ideas of his attributes, but what the real substance of anything is we know not."*

como tal, constitui um dado para ***A***, mas uma reação espontânea ao ato que o levou a buscar tal objeto. Dessa perspectiva fenomenológica, a síntese transcendental kantiana poderia ser entendida como resultante de um processo de desenvolvimento do ser vivo, focando sua atenção em integração da dispersa multiplicidade de ordenadas objetivas tipo ${}^{PA}a^{oi}$, e ante os desafios do meio ambiente, requerendo de parte de ***A*** uma ação consolidada às percepções sensórias em seu estar sendo.

Tendo optado por determinada ação em relação ao objeto ***o*** na percepção ${}^{PA}a^{o}$, o ato vem acompanhado de uma segunda ordenada ***s***, um sentimento variando de agrado a desagrado, em avaliação espontânea perpetrada por ***A***. Um pássaro ao optar por certo fruto, testa se o gosto é convidativo ou não. Da mesma forma, ***A*** em primeiro contato de relacionamento com outra pessoa, pode sentir-se ou interessado em conhecê-la, ou espontaneamente rejeitá-la, ou mesmo, ficar indiferente. Sem esse conteúdo sentimental, o ato mental seria feito dois astros se atraindo em inércia sentimental do universo. Sem a avaliação ***s*** do ato, sem agrado ou desagrado, sem sentimento de dor ou de prazer, não sobreviveríamos, nem nós e nem qualquer ser vivo. Em sua completude, tem-se, pois, a nível da percepção, o ato ${}^{PA}a^{os}$.

Em distinção ao objeto percebido ***o***, resultado de síntese das ordenadas $\boldsymbol{o}_1$, $\boldsymbol{o}_2$, ... $\boldsymbol{o}_n$, ..., o sentimento ***s*** não decorre das avaliações de cada uma das ordenadas formadores de ***o***, tampouco da avaliação do objeto percebido ***o***, mas de uma avaliação da ação de ***A*** sobre, ou envolvendo, o objeto. Pois o que move um indivíduo é a busca de agrado ou o evitar de um desagrado resultante de sua ação sobre ***o*** no seu estar sendo ao longo de seu Agora. Essa avaliação não é uma característica percebida no objeto, não é dele uma qualidade, mas sim, o julgamento

do ato individual, eventualmente crucial para sua sobrevivência, seu bem-estar, à continuidade e evolução da espécie.

O saber é tão-somente um meio do ser vivo do qual o *élan vital* se serve para propiciar a realização desse impulsivo desejo de bem-estar, de continuidade e incremento do agradável no estar sendo da vida. Essa voluptuosa unicidade da pulsão exige a concentração do agir em sintético objeto. Kant, no auge do Iluminismo, ao negligenciar o sentimento **s** e focar na ordenada ***o***, nesse fundamental passo da filosofia ao se despir das pretensões do saber da verdade absoluta, do medieval transcendente, postou a transcendentalidade no além do entendimento (*Verstand*) em sua crítica da razão (*Vernunft*). Considerando **s** não só como o avaliador último de ação, mas, como se verá mais adiante, condicionando a dinâmica do ato mental, entrevê-se a possibilidade de postar-se a transcendentalidade no ***a*** na formulação do objeto ***o*** e da ordenada sentimental **s**, com o que o ato mental se integraria a um entendimento mais amplo expresso como ${}^{PA}a^{os}$.

Nível 2, da ideia (*I*). Agora, ***A*** fecha os olhos e fica inatento ao pássaro ali pousado. Ao invés de um vazio *Néant*, um nada, resta como que uma sombra do antes percebido objeto. E em vez de um ativo e fugidio ${}^{PA}a^{os}$, a sombra se estabiliza como lembrança, mesmo que mais vaga, do já não mais percebido objeto. Consiste na ***I***deia (*Vorstellung* em Kant[3], *représentaton* em Foucault[4]) retida do percebido, simbolizada como ${}^{IA}a^{c\varepsilon}$, na qual o objeto percebido ***o*** se transforma em lembrado ***c***ognitivo **c** e o ***s***entimento sob forma de ***e***moção $\boldsymbol{\varepsilon}$, integrantes de ato mental de ***A***. A ideia fica retida na mente ao longo do seu estar sendo. A transcendental transformação da fugidia percepção de ***o*** em estável **c** na

[3] KANT E. *Kritik der reinen Vernunft*, 1784, p. 72. *Vorstellen*, colocar em frente, trazer à mente a imagem lembrança de um percebido.

[4] FOUCAUL, M. *Les mots et les choses*. *Représentation*, representar algo presenciado.

memória, *sine qua non*, fundamenta a atividade mental. Somente de percepção em percepção, impossível qualquer passo em nosso estar sendo: perdidos feito partícula no espaço, escrava de forças externas, incapaz de traçar seu próprio rumo. Sem lembrança da percepção que se foi, não saberíamos nem se a próxima se refere ou não ao objeto recém percebido. Tal absoluta necessidade de memorização da mente, na qual se localizam os estáveis **c** advindos dos evanescentes **o**, está à raiz das ideias eternas de Platão, da busca pela verdade absoluta de Hegel, do ontológico das lembranças de Husserl.

Ao ***A*** perceber um objeto como $\boldsymbol{o_2}$, e de imediato, transformá-lo na ideia ${}^{IA}a^{c2\varepsilon}$, vem-lhe à mente, por semelhança, o cognitivo ${}^{IA}a^{c1}$. Como exemplo, a ancestral Lucy, ao ver um determinado leão, ${}^{PA}a^{o2}$ e, em sua dinâmica mental criar o cognitivo ${}^{IA}a^{c2}$ e, ao verificar possuir algumas ordenadas cognitivas em comum com ${}^{IA}a^{c1}$, ela verifica tratar-se também de um leão. Se bióloga, diria tratar-se de 2 espécimens da mesma espécie. Ou como fenomenóloga, que os 2 vetores cognitivos das ideias ${}^{IA}a^{c1\varepsilon}$ e ${}^{IA}a^{c2\varepsilon}$ têm segmentos em comum, compostos pelas ordenadas essenciais, sem o que a cada nova percepção de leão ela não saberia tratar-se do mesmo predador e, em sua ignorância, seria devorada, sem deixar traços de sua existência para os paleontólogos. O relacionamento de duas percepções torna-se possível graças à sua transmutação em cognitivos memorados e à abstração de suas ordenadas não-essenciais como, por exemplo, de leões de sexos diferentes, um velho com juba e outro jovem, com diferentes atitudes de agressividade. Essa a razão da existência das percepções objetivas memorizadas, essenciais para a continuidade da vida no mundo físico e social. Acontece espontaneamente, já ao nível mais primitivo, sem artificioso esforço dialético.

E mais. A própria Lucy, sabendo das ordenadas essenciais de leopardo, e comparando-as com as essenciais de leão, em sua mente, alcança as essenciais coincidentes em leão e leopardo, abstraindo-as das demais, na ideia de felino. Seus descendentes, com o dobro de volume craneano e alta capacidade de abstração, finalmente, conseguiram se alçar em último passo à ideia do Ser (*Sein* como, por exemplo, em Hegel e Heidegger) e até ao *Néant* (em Sartre). Ou seja, ao verem um leão aí numa jaula, com suas muitas ordenadas objetivas, conseguem despi-lo de todas as inessenciais e mentalizar o Ser ou o Nada nele escondido, essencial para o entendimento de todo e qualquer objeto.

> À matriz objetiva $\mathbf{\Sigma}^{PA}a^{o}$ corresponde a <u>matriz estrutural cognitiva</u> $\mathbf{\Sigma}^{IA}a^{c}$, onde $(^{IA}a^{c1}, {}^{Ic2}, \ldots, {}^{Icm})$ ---> $^{IA}a^{c}$,

qual símbolos matemáticos, pontos em espaço *m* dimensional associados a outro ponto em abstrato espaço, significando <u>ordenadas cognitivas</u> de ideias na mente de **A**, $^{IA}a^{c}$ representando a síntese do conjunto $(^{IA}a^{c1}, {}^{IAc2}, \ldots, {}^{IA}a^{cm})$, por sua vez, advindas das ordenadas objetivas percebidas $(^{PA}a^{o1}, {}^{PA}a^{o2}, \ldots, {}^{PA}a^{om})$, detalhada pela matriz

	$^{IA}a^{c}$	^{IAc1}	$^{IA}a^{c}2$	...	$^{IA}a^{c}m$	$^{IA}a^{c}m1$	...
	$^{IA}a^{c}1$	$^{IA}a^{c}11$	$^{IA}a^{c}21$	...	$^{IA}a^{c}m1$	$^{IA}a^{c}m11$	...
$\mathbf{\Sigma}^{IA}a^{c}$	$^{IA}a^{c}2$	$^{IA}a^{c}12$	$^{IA}a^{c}22$	...	$^{IA}a^{c}m2$	$^{IA}a^{cm12}$	...
	...	...	...	...	...	...	...
	$^{IA}a^{c}m$	...	...	...	...	...	...
	$^{IA}a^{c}n$	...	...	...	...	...	...
	...	...	...	...	...	...	...

Mas a infraestrutura fisiológica da mente, responsável pela captação dos objetos ***o*** pelos sentidos e transformá-los nos entes mentais **c**, também dispõe de orientação para seu agir sobre os objetos, visando enquadrar- se no equilíbrio do universo físico que habita, sem o que estaria fadada à sua própria eliminação, reduzida a mortos átomos novamente, como em longínquos tempos antes da vida nascer. São os sentimentos **s** que afloram em nosso corpo na avaliação das ações sobre os objetos ***o***, por sua vez, transformados na mente (espírito, *Geist*, *mentis*) em emoções ***ε***, sentimentos lembrados.

Kant se atém às ordenadas objetivas e cognitivas, assim constituindo o entendimento. Mas, abstraindo percepção e ideia dos ***s*** e ***ε***, já no perceber de um objeto, fica difícil entender o que, afinal, ***A*** quer com um objeto qualquer. Nem ***A*** conseguiria saber o que o levou a procurá-lo. Também não consegue, mesmo em apercebendo atentamente as ordenadas objetivas que levaram à misteriosa síntese nos objetos à sua frente, decidir qual de duas figuras percebidas é da sua preferência. Menos que um elétron a girar em torno de núcleo, pelo acaso colocado em sua órbita, sem poder decidir qual o seu lugar no Universo. Feito caixa de Pandora, ***A*** é impulsionado por desejos mil, à procura de algo para atendê-los, em sua ânsia de poder individual e propagação da espécie. O desejo determina o objeto e o tipo de ação capaz de satisfazê-lo. Percebendo uma pessoa, pode querer protegê-la, exercer sua empatia, usá-la como laranja ou qualquer outro interesse que surge em diferentes momentos do seu irrequieto estar sendo, cada qual requerendo uma determinada ação. Por sua vez, seleciona ao seu alrededor o objeto capaz de intermediar a satisfação de seu momentâneo desejo. Satisfação e desejo integram as ordenadas intencionais da mente, distintas das componentes objetivas/cognitivas. A interrelação das duas perfaz a dinâmica do ato mental. As primeiras, promovem e avaliam as ações selecionadas, pois

desejos e agradabilidade do resultado da ação são ambos percebidos como sentimentos (**s**) e lembrados como emoções (**ε**). Juntamente com ordenadas objetivas (**o**) e cognitivas (**c**), constituem os conteúdos do ato perceptivo $^{PA}a^{os}$.

Na ânsia de continuada realização em seu Agora, espontaneamente, **s** avalia em apreço ou repúdio a consumação de seu ato sobre **o**, em juízo final. Uma apreciação negativa, pode levar à apercepção de nova ordenada do vetor $\boldsymbol{o}_i$, expandindo o entendimento de ***A*** e o redirecionamento de sua ação sobre o objeto, por exemplo, ignorando-o por ora em diante ou à busca do porquê deste sentimento. Uma apreciação positiva, por sua vez, pretendendo manter ou incrementar o agrado percebido, como em pesquisa científica, incentivando a apercepção de novas ordenadas e, assim, ampliando o espectro de possibilidades de conhecimento e ação. Uma dinâmica entre **o** e **s** responsável por nossa evolução.

Ao sintético cognitivo **c**, vêm associadas lembranças de sentimentos vivenciados em ações relacionadas com o objeto **o**, sob forma de conjunto de emoções $\boldsymbol{\varepsilon} = \boldsymbol{\varepsilon}_1, \boldsymbol{\varepsilon}_2\boldsymbol{\varepsilon}_3, \ldots$, assim completando a ideia $^{IA}a^{c\varepsilon}$. Enquanto a percepção de **o** é sintética e lembrada como **c**, as lembranças de sentimentos $\boldsymbol{\varepsilon}_1, \boldsymbol{\varepsilon}_2\boldsymbol{\varepsilon}_3, \ldots$ decorrentes de ações diversas, são representadas sob forma do conjunto **ε**. Um certo sentimento $\boldsymbol{s}_i$, lembrado como a emoção $\boldsymbol{\varepsilon}_i$, é fruto de um desejo de ***A***, como que nascido de sua caixa de Pandora, despontando com intensidade na sua mente, à procura de objeto capaz de satisfazê-lo. Para tanto, precisa optar por ação adequada para alcançar seu objetivo. Com sede, ***A*** pode optar entre comprar uma garrafa d'água, pedi-la a um amigo, roubar da mesa vizinha ou qualquer outra alternativa nascida de sua imaginação. Escolherá, apoiado em experiências anteriores, a ação associada à esperada satisfação $\boldsymbol{\varepsilon}_i$,

considerada a opção mais adequada neste momento de seu Agora. Tem-se, pois, a expectativa ${}^{IA}a^{c\varepsilon}$, por ação efetivada resultando em ${}^{PA}a^{os}$, onde, o sentimento esperado não necessariamente coincidirá com o efetivamente percebido, nesse caso, ensejando alternativa de ação mais adequada em seu entrelaçamento com o emocional.

De posse das informações cognitivas e emocionais ${}^{IA}a^{c\varepsilon}$, ***A*** interage com seu meio ambiente. Restrito aos saberes de ${}^{IA}a^{c}$, não conseguiria agir. Fúteis as tentativas dialéticas de estabelecer uma ética a partir de matrizes estruturais tipo $\boldsymbol{\Sigma}^{IA}a^{c}$. No processo decisório do que fazer com o percebido ${}^{PA}a^{o}$ ou se posicionar face comunicado relacionado a ${}^{IA}a^{c}$, ou de escolha entre ${}^{PA}a^{o1}$ e ${}^{PA}a^{o2}$ ou de preferência entre ${}^{IA}a^{c1}$ e ${}^{IA}a^{c2}$, ***A*** necessita de um critério, não fornecido por frio raciocínio sobre $\boldsymbol{\Sigma}^{IA}a^{c}$. As emoções têm o duplo aspecto de serem lembranças e ao mesmo tempo expectativas de sentimentos futuros e constituem as ordenadas que orientam o ato mental e o conduzem à ação.

Ao nível das ideias (***I***) acontece o processo decisório de ***A***, núcleo do ato mental. Ao perceber ${}^{PA}a^{o}$, ***A***, instado por desejo pandórico que irrompe em sua mente, foca sua atenção na ordenada cognitiva disponível em sua memória (${}^{IA}a^{c}$), seleciona dentre as ações associadas a $\boldsymbol{\underline{\varepsilon}} = \boldsymbol{\underline{\varepsilon}}_1, \boldsymbol{\underline{\varepsilon}}_2\boldsymbol{\underline{\varepsilon}}_3, \ldots$, a que lhe parece ser a mais conveniente em expectativa de agradabilidade. Caso nele prevalecer a indiferença emocional, ou seja, nada de lembrança agradável ou desagradável o acometer, não se sentirá motivado a ação adicional na presença de $\boldsymbol{\underline{o}}$ e desviará suas atenções a outros objetos eventualmente mais interessantes em seu entorno. Mas mesmo assim, se entre as percebidas ordenadas objetivas detectar alguma novidade quando comparadas com as lembradas, em tradicional filosófica reação de amor (*φίλος*) por esse novo saber (*σοφός*), em platônico pensar, satisfar-se-á em incorporar a nova

cognitiva em ampliada ${}^{IA}a^{c\varepsilon}$, em ação de cunho intelectual. Afinal, já uma decisão enriquecedora do seu saber, aumentando sua flexibilidade de conhecimento e ação em possíveis novas situações, não somente restritas ao intelectual.

O processo decisório no qual ***A*** pode optar entre duas alternativas, ${}^{IA}a^{c'\varepsilon'}$ e ${}^{IA}a^{c''\varepsilon''}$, ao preferir a primeira, pode ser formulado como

$$\text{ex-ante}[\forall({}^{IA}a^{c'\varepsilon'} \text{ v } {}^{IA}a^{c''\varepsilon''}), \text{se } \underline{\boldsymbol{\varepsilon}}_i{}' > \underline{\boldsymbol{\varepsilon}}_i{}'' \rightarrow {}^{DIA}a^{c'\varepsilon'}] \rightarrow \text{ex-post } [{}^{Po's?} \text{---} > {}^{IA}a^{c'\varepsilon?}]$$

onde $\underline{\boldsymbol{\varepsilon}}_i{}' > \underline{\boldsymbol{\varepsilon}}_i{}''$ significa que a decisão ***D***, a opção pela ação ***i*** visando o cognitivo $\underline{\boldsymbol{c}}'$, é preferível em agrado à opção pela ação ***j*** envolvendo o cognitivo $\underline{\boldsymbol{c}}''$. Ao ***A*** em sua ação consumista decidir por pãozinho integral ${}^{IA}a^{c'\varepsilon'}$, onde a cognitiva $\underline{\boldsymbol{c}}'$, com seu vetor de ordenadas $\underline{\boldsymbol{c}}_i{}'$, está associada ao conjunto de ordenadas $\underline{\boldsymbol{\varepsilon}}'$, dentre as quais o potencial ato, o desejo de consumir, vem atrelado à emoção $\underline{\boldsymbol{\varepsilon}}_i{}'$, de mais agrado que a encontrada na ideia ${}^{IA}a^{c''\varepsilon'''}$sobre pãozinho francês, ou seja, $\underline{\boldsymbol{\varepsilon}}_i{}' > \underline{\boldsymbol{\varepsilon}}_i{}''$, onde o índice ***i*** significa a mesma vontade de consumir, mas com expectativas de sentimentos diferentes. No caso, a fome sobrepujou inclusive a avareza de $\underline{\boldsymbol{A}}$, ciente que o preço do pão integral, uma das ordenadas cognitivas de ambos os bens, era ligeiramente mais elevado. Mas mesmo que ***A*** fosse afortunado, eventualmente na decisão de escolha entre jatinho por R$50 milhões e helicóptero de R$30 milhões, ele poderia optar pelo primeiro, dada sua expectativa decorrente de intenso sentimento inclusive de ostentação e afirmação social. Opção também poderia ser entre atos diferentes, como entre compra para consumo ostensivo e investimento prevendo resultados futuros.

Tomada a decisão de como agir, ***A*** passa à sua execução, com resultado agora percebido como ${}^{PA}a^{o's?}$. A ordenada $\underline{\boldsymbol{s}}^{?}$ pode não corresponder à expectativa $\underline{\boldsymbol{\varepsilon}}_i{}'$. Se acima ou abaixo em intensidade do esperado $\boldsymbol{s}'$, muito possivelmente a natural curiosidade o levará a

perscrutar as ordenadas objetivas $\boldsymbol{o}'_i$, já transformadas em $\underline{\boldsymbol{c}}'_i$, por algum novo apercebido responsável pela alteração em $\underline{\boldsymbol{\varepsilon}}_i'$. O percebido sentimento $\underline{\boldsymbol{o}}'^?$ será memorizado como emoção $\underline{\boldsymbol{\varepsilon}}_i'^?$ e, assim, atualizando nova decisão. Pode também ser que, dada baixa flexibilidade de apercepção de ***A*** (não somente por limitações neurais e sinápticas refletidas na dimensão vetorial de ${}^{IA}a^c$, mas também devido a condicionantes culturais e de transtornos psíquicos), por desagrado, desprezará doravante a lembrança de $\underline{\boldsymbol{o}}$ ou buscará ação alternativa a $\underline{\boldsymbol{c}}'$, eventualmente em prejuízo de sua adequação ao mundo físico e social, questão de interesse da psicoterapia e psicanálise

O processo decisório constitui o cerne do ato mental, na conciliação do cognitivo com o emocional, esta última, a ordenada decisiva final do agir. Nesse enfoque fenomenológico do ato decisório, o conceito de livre arbítrio não faz sentido, assim como o conhecimento racional das alternativas cognitivas das ideias se revela insuficiente para explicitar as razões determinantes do comportamento humano e de qualquer ser vivo. A imprevisibilidade do ex-post, da passagem do ${}^{IA}a^{c\varepsilon}$ para o ${}^{PA}a^{os?}$, perfaz a fundamental distinção entre as ciências naturais e as indevidamente assim denominadas "ciências" humanas, como a econômica.

Nível 3, da comunicação (*K*). No entanto, ***A*** não consegue captar a ideia ${}^{IB}a^{c\varepsilon}$ de ***B*** e vice-versa. ***A*** percebe o indivíduo ***B*** mas é incapaz de apreender diretamente a ideia ${}^{IB}a^{c\varepsilon}$, não sabe do cognitivo que o outro está pensando, dificilmente de seu agrado ou desagrado evocada por ação envolvendo ${}^{IB}a^{c\varepsilon}$. Mas não somos mônadas a vagarem cada qual em seu estar sendo. Somos seres sociais e precisamos nos comunicar uns com os outros em nosso processo de mais eficiente adaptação ambiental e evolução. O consegue ***A*** emitindo sons significantes para ***B*** e, assim, indiretamente buscando relacionar sua ideia ${}^{IA}a^{c\varepsilon}$ com a ideia ${}^{IB}a^{c\varepsilon}$ de ***B***.

A fala $\mathbf{K}_{fal}$. Ilustrando. A ancestral Lucy, há 2,3 milhões de anos, caminhando atenta por savana etíope no norte da África, vislumbra mais em frente, dentre arbustos, um animal pardo, sorrateiro, grunhindo, e sob o impacto da percepção dessas ordenadas ${}^{PA}a^{os}$, lhe vem à mente a ideia de leão, ${}^{IA}a^{c\varepsilon}$, com as ordenadas lembradas, ser feroz predador, emissor de sons amedrontadores, muito rápido em seus movimentos. Decide refugiar-se em árvore próxima, ao mesmo tempo soltando um gutural 'l-e-ã-o' em sinal de alerta. Pois ao longo dos anos, os membros de seu grupo familiar se acostumaram a associar a percepção do por eles emitido gutural 'leão' à ideia de leão ao perceberem a fera, imitando-a em seu peculiar rugido. Destarte, cada membro do grupo começou a associar à sua ideia ${}^{IA}a^{c\varepsilon}$ o falado signo comunicativo $\boldsymbol{K}_{fal}$, percebido como ${}^{Kfal\underline{P}A}a^{c\varepsilon}$, assim adentrando o <u>terceiro nível estrutural</u> da mente, $\boldsymbol{K}$ (de κοινωνία, comunicação).

Ao ***A*** ouvir o som 'leão' emitido por fala de membros do grupo, percebido pelos seus sentidos como ${}^{Kfal\underline{P}A}a^{c\varepsilon}$, lhe vem à mente a associada ideia ${}^{IA}a^{c\varepsilon}$, com $\underline{\boldsymbol{c}}$ acompanhado das emoções $\underline{\boldsymbol{\varepsilon}}$. Esta contumaz <u>associação</u> de signo com ideia a designaremos por <u>conceito</u>, simbolizado como ${}^{Kfa\underline{l}IA}a^{c\varepsilon}$ (o primeiro $\underline{\boldsymbol{l}}$ (minúsculo) de fa**l**a, e o segundo um $\underline{\boldsymbol{I}}$ (maiúsculo) de **I**deia). Tem-se, pois, num primeiro momento, as <u>vivenciadas</u> percepções de leões por parte de ***A***, ${}^{PA}a^{os}$, constituindo sua ideia de leão, ${}^{IA}a^{c\varepsilon}$. A esta altura, verifica-se que a sintetização kantiana das ordenadas objetivas tendo início a nível da percepção

$$({}^{PA}a^{o1}, {}^{o2}, \ldots {}^{om}) \text{ ---> } {}^{PA}a^{o}$$

transforma-se na lembrança

$$({}^{IA}a^{c1}, {}^{IA}a^{c2}, \ldots, {}^{IA}a^{cm}) \text{ ---> } {}^{IA}a^{c\varepsilon},$$

onde ao cognitivo é adicionado o conjunto de emoções $\underline{\boldsymbol{\varepsilon}}$ lembradas dos sentimentos $\underline{\boldsymbol{s}}$ resultantes das várias ações de $\boldsymbol{A}$ vivenciadas em seus contatos com o objeto $\underline{\boldsymbol{o}}$. E ao som captado pela fala ${}^{Kfal\underline{P}A}a^{c\varepsilon}$, vem à mente de $\boldsymbol{A}$ seu conceito ${}^{Kfa\underline{Il}A}a^{c\varepsilon}$.

A despeito de um <u>termo falado</u> se referir a um aparentemente mesmo objeto percebido pelo grupo social, tanto os ${}^{Kfal\underline{P}A}a^{os} \approx {}^{Kfal\underline{P}B}a^{os} \approx \ldots$, por vivências individuais diferenciadas, quanto os decorrente conceitos divergem entre si, ${}^{KfaIlA}a^{c\varepsilon} \approx {}^{KfaIIlB}a^{c\varepsilon} \approx \ldots$ Para a comunicação entre $\boldsymbol{A}$ e $\boldsymbol{B}$ tornar-se factível, faz-se necessário um mínimo de coincidência entre suas ordenadas cognitivas, as acima denominadas <u>essenciais</u>. Quanto maior o vetor das essenciais coincidentes, mais se facilita o entendimento entre duas pessoas. Mesmo assim, as discrepâncias entre os $\underline{\boldsymbol{\varepsilon}}$, as lembranças de sentimentos vivenciados de cada qual em seu atuar sobre o meio ambiente, podem induzi-los a atitudes e comportamentos diferenciados. Quanto mais, face diferencial entre as ordenadas <u>não- essenciais</u> e sua repercussão sobre os respectivos $\underline{\boldsymbol{\varepsilon}}$.

A comunicação, no caso a fala, tem uma dupla função social. De um lado, compartilhar conhecimentos, $\underline{\boldsymbol{c}}$. Doutro, alinhar emoções $\underline{\boldsymbol{\varepsilon}}$ dos integrantes do grupo com vistas a conjurar decisões em benefício dos $\underline{\boldsymbol{s}}$ de todos. A conversa, a troca de ideias, perfaz a <u>dinâmica</u> de ao mesmo tempo enriquecer tanto os conhecimentos individuais quanto empatizar o relacionamento emotivo/sentimental visando ações sincronizadas em benefício do todo.

Duas são as fontes que promovem o <u>entendimento</u> (*Verstand*) de um objeto (físico, social), as vivenciadas percepções ${}^{PA}a^{os}$ e ${}^{PB}a^{os}$ e os conceitos ${}^{KfaIIlA}a^{c\varepsilon}$ e ${}^{KfaIIlB}a^{c\varepsilon}$. A dificuldade consiste em $\boldsymbol{A}$ extrair da fala de $\boldsymbol{B}$ uma ordenada cognitiva não constante do vetor de cognitivas que $\boldsymbol{A}$ detém em seu conceito ${}^{KfaIIlA}a^{c\varepsilon}$. Mediante a memorização de ${}^{PA}a^{os}$,

transformada em ${}^{IA}a^{c\varepsilon}$ e, adicionalmente, desenvolvendo a fala como meio de comunicação entre ***A*** e ***B***, não só a expansão dos conhecimentos, agora cognitivos (**c**), foi potencializada, como sofisticaram-se as possibilidades de transmissão dos sentimentos e de atuação, agora emoções (**ε**). Pois a percepção, como tal, é um momento passado da experiência no estar sendo de ***A***, continuamente sucedido por novas percepções de objetos e sentimentos. E para garantia de seu viver em agrado e tentar desvencilhar-se de percalços, requer a lembrança de infortúnios e de sucesso em suas decisões a cada novo passo. Esse o papel das ideias, reorganizando na memória o saber dos objetos e dos sentimentos evocados por atuação sobre os mesmos.

As alterações em ${}^{IA}a^{c\varepsilon}$ visam o bem-estar de ***A*** ao longo de seu estar sendo, mediante o enriquecimento do vetor de ordenadas de **c** e o acerto de seu comportamento em agradabilidade **ε**. Sua comunicação com ***B*** tem este objetivo, ao tentar extrair do conceito ${}^{KfalIB}a^{c\varepsilon}$ conhecimentos adicionais de **c** e apreender mais adequados modos de ação. Como ***A*** em sua fala ${}^{KfalIA}a^{c\varepsilon}$ com ***B*** persegue seu interesse em busca de agradabilidade, ***B*** na fala ${}^{KfalIB}a^{c\varepsilon}$ também persegue objetivos pessoais.

Dois são os motivos de ***A*** para se comunicar com ***B***. Um, para ampliar seu vetor cognitivo sobre determinado **c** e implementar suas **ε**, seu comportamento para garantia de bem- estar. Outro, considerando ***B*** como um simples cognitivo- objeto **c**, um meio de satisfação de seus desejos **ε** em ${}^{lA}a^{c\varepsilon}$. Mesmo na mais íntima e amorosa relação entre mãe e filinha e, quem diria, até em aparente empatia entre carismático déspota e ingênuo cidadão. Mas discordando do preconceito de Marx em relação ao empresário-capitalista, tal procedimento é fundamental para o funcionamento da sociedade, no qual instituições conseguem superar as

diferenças ${}^{KfalIA}a^{c\varepsilon} \approx {}^{KfalIB}a^{c\varepsilon}$ impondo a seus membros normas integradoras de seu comportamento, estabelecidas por uma governança.

Esse fenômeno, subjacente à proliferação das atuais *fake news,* já vem sendo considerado de longa data, ao menos desde o Iluminismo, e no mínimo implicitamente, como expresso por Kant[5], em

> "Esclarecimento é a saída do ser humano de sua autoimposta imaturidade. A imaturidade é a incapacidade de servir-se de seu entendimento sem a orientação de outrem. De sua própria responsabilidade é esta imaturidade, quando provém não de uma limitação de seu entendimento, mas de decisão e coragem de servir-se da orientação de terceira pessoa. *Sapere aude!* Saiba ousar, servindo-se de seu próprio entendimento! Eis o lema do Iluminismo."

A "limitação de seu entendimento", pode ser entendida como imaturidade ou incapacidade de ***B*** em expandir o vetor cognitivo ${}^{IB}a^{c}$. Kant não descarta, quiçá, delicadamente, ao menos nesse artigo, que a imaturidade de ***B*** pode ser da aqui denominada falta de flexibilidade do entendimento, seja de ordem cultural, psíquica ou neural. Quer dizer, a existência de limitação mental de ***B*** em expandir as ordenadas cognitivas de suas ideias ${}^{IB}a^{c}$. E, mesmo que ***A*** também tivesse semelhantes limitações, a falta de ousadia de ***B*** em expandir seu entendimento, a relativa fraqueza de um certo $\underline{\boldsymbol{\varepsilon}}$ em sua ideia ${}^{lB}a^{c\varepsilon}$ face a carismática fala de ***A***, conseguindo que certas sejam cegamente efetuadas pelos ***B***. Caso das *fake News de influencers e* autocratas de todos

[5] *Kant, E. Beantwortung der Frage: Was ist Aufklärung? Berlinische Monatsschrift, Zeitungsartikel von 1784: „Unmündigkeit ist das Unvermögen, sich seines Verstandes ohne Leitung eines anderen zu bedienen. Selbstverschuldet ist diese Unmündigkeit, wenn die Ursache derselben nicht am Mangel des Verstandes, sondern der Entschließung und des Mutes liegt, sich seiner ohne Leitung eines anderen zu bedienen Daher gibt es nur Wenige, denen es gelungen ist, durch eigene Bearbeitung ihres Geistes*

sich aus der Unmündigkeit heraus zu wickeln und dennoch einen sichere Besonders ist hierbei: daß das Publikum, welches zuvor von ihnen unter dieses Joch [der Unmuendigkeit] gebracht worden, sie danach selbst zwingt darunter zu bleiben, wenn es von einigen seiner Vormünder, die selbst aller Aufklärung unfähig sind, dazu aufgewiegelt worden diesen Gang zu tun."

os matizes, assim como de ideologias e religiões dominando gerações, até se revelarem, tão-somente, como reluzentes placebos.

A escrita K_{esc}. Grande passo foi dado, há mais de 3 mil anos, com a representação de fonemas da fala por letras, formando uma escrita fonética. Dessa maneira, ${}^{KflalA}a^{c}$ associada à ideia ${}^{IA}a^{c\varepsilon}$ gerou uma ligação paralela com um conjunto de letras na escrita, ${}^{KescPA}a^{c\varepsilon}$. Ao ler ${}^{KescPA}a^{c}$, vem à mente diretamente a ideia ${}^{IA}a^{c\varepsilon}$, resultando em associação letra/ideia o conceito sob a forma ${}^{KescIA}a^{c\varepsilon}$. Feito Beethoven, ao escrever e reler a partitura da 9ª Sinfonia em seu estado de surdez, estando em seu imaginário como que a ouvir na sequência sons dos vários instrumentos, acordes, ritmos e toda a riqueza das nuances mais.

Além de consolidar a tradição oral, a escrita conseguiu de muito aperfeiçoar a comunicação desenvolvendo complexa sintaxe, com seus substantivos, adjetivos, verbos e o mais, além de conseguir expressar emoções requeridas no processo decisório.

A escrita, paralelamente à sua função comunicativa, abre a possibilidade de melhor explicitação analítica da relação ${}^{KescPA}a^{c}$ / ${}^{KescIA}a^{c\varepsilon}$ por parte de ***A***. Seja ***A*** um bilingue indo- europeu, em português-brasileiro (*p*) e no alemão (*a*), em fala ${}^{Kesc.p.PA}a^{c}$ / ${}^{Kesc.p.IA}a^{c\varepsilon}$ e ${}^{Kesc.a.PA}a^{c}$ / ${}^{KescIA}a^{c\varepsilon}$, assim como em fala. Até que ponto a o conceito ${}^{Kesc.p.IA}a^{c\varepsilon}$ se identifica com ${}^{Kesc.a.IA}a^{c\varepsilon}$? Tomando os termos 'percepção' e 'verdade', traduzidos por '*Wahrnehmung*' e '*Wahrheit*', observa-se uma disparidade etimológica nos termos em português, enquanto que o alemão detém a mesma raiz '*Wahr*'. Nesta língua tem-se a proximidade semântica dos dois termos, enquanto que em português a ideia correspondente ao termo 'percepção' não induz de imediato à ideia de 'verdade'. Designando as deias suscitadas por ${}^{Kesc.pA}a^{c\varepsilon}$ e ${}^{Kesc.aA}a^{c\varepsilon}$ por ${}^{IA.p}a^{c\varepsilon}$ e ${}^{IA.a}a^{c\varepsilon}$, e ***A*** expressando ${}^{Kesc.p.IA}a^{c\varepsilon}$ e ${}^{Kesc.a.IA}a^{c\varepsilon}$ como 'percebi um pássaro' e '*habe*

einen Vogel wahrgenommen', com verbos no passado, verifica- se que para ***A*** o conceito de o pássaro tem duas uma conotações, uma mais passiva, e outra, como o sugere o '*habe*', um leve esboço de posse. Mesmo que as ordenadas cognitivas das duas ideias sejam as mesmas, o lado impulsivo da relação de ***A*** com o percebido pássaro, ${}^{IA.\,a}a^{\varepsilon}$, difere do passivo ${}^{IA.p}a^{\varepsilon}$. Esse diferencial emotivo proporciona um diferencial ${}^{IA.p}a^{c\varepsilon} \approx {}^{IA.a}a^{c\varepsilon}$. Os recorrentes conceitos de 'verdade' e '*Wahrheit*' em filosofia diferem em suas ideias pela distância etimológica entre perceber e verdade, de um lado, e doutro, da proximidade de *Wahrheit* e *Wahrnehmung*, deixando mais espontâneo o refletir sobre os dois conceitos para um pensador alemão, dificultando a sua compreensão em língua portuguesa nas traduções disponíveis. Em compensação, é desafio nosso de relacionar os dois conceitos em sua independência etimológica, seguindo, talvez, por novos caminhos.

A formulada $\boldsymbol{K_{for}}$. A par da comunicação falada $\boldsymbol{K_{fal}}$ e escrita $\boldsymbol{K_{esc}}$ tem-se a formulada $\boldsymbol{K_{for}}$, exemplificada em física pela notória $E = mc^2$ e aqui, em fenomenologia, por ${}^{PA}a^{os}$ -->${}^{IA}a^{c\varepsilon}$-->${}^{KfaIA}a^{c\varepsilon}$ -->${}^{IA}a^{c\varepsilon}$ -->${}^{KescA}a^{c\varepsilon}$ -->${}^{KforA}a^{c\varepsilon}$ -->${}^{IA}a^{c\varepsilon}$ -->${}^{DA}a^{c\varepsilon}$-->${}^{PA}a^{os}$ ... , (com ***D*** de decisão), uma expressão[6] não só mais abstrata e condensada, mas de grande potencial no fomento e rigor do ato mental em sua busca do conhecimento, desde que implicitamente vinculada às respectivas ideias sobre as quais repousa. Responsável pela contínua evolução das ciências naturais, com auxílio da matemática e lógica. Como exemplo emblemático tem- se o relato de Einstein[7], ao voltar de seu escritório em Princeton onde elaborara

[6] No Cógito, o Ego se constitui em Ser (cognitiva substantiva) e Pensar (flúida), na Relatividade a Energia = Massa (substantiva) vezes a Velocidade da luz (flúida) e em fenomenologia, a Mente tem a estrutura intencional do Estar (odenada cognitiva flúida), do Sendo (ordenada cognitiva substantiva) e do Sentir (ordenada emocional ativa).

[7] EINSTEIN, A. & INFELD, L. *Die Evolution der Physik*.

equação procurando descrever um determinado fenômeno físico, sentou-se em sua poltrona, acendeu seu cachimbo e, em *relax*, deixou vir à tona sua ideia ${}^{IA}a^{c\varepsilon}$ e, confrontando-a com ${}^{KforA}a^{c\varepsilon}$, verificou em abdução que essa formalização fazia sentido, decidindo por sua aprovação, com a qual lhe adveio o sentimento de satisfação **s** em ${}^{PA}a^{os}$. Tal qual primitivo ser unicelular ao testar um nutriente, a decisão última cabe ao sentimento de agrado ou desagrado resultante de ação.

O relacionamento social. A relação entre ***A*** e ***B*** pode ser explicitada a partir de uma quase que anedota dos primórdios da Economia Política, protagonizada por dois agentes, um caçador de castores e outro, de cervos. O regateio em escambo entre ***A*** e ***B***, numa economia não-monetária, em caso de desequilíbrio, pode ter como alternativa uma busca de ajuste comunicativo, por fala, entonações, gestos, entre os dois protagonistas. Se a fala ${}^{KfalPB}a^{c}$ for entendida por ***A*** como ${}^{IA}a^{c\varepsilon}$ e vivenciado em desagrado na ${}^{PA}a^{os}$, ***A*** tentará convencer ***B*** a adquirir mais ou menos peles de castores, em troca de menor ou maior quantidade de carne de cervo em relação ao seu aspirado ${}^{IB}a^{c\varepsilon}$. Se ambos forem suficientemente flexíveis, quer dizer, se ***A*** ajustar seus ${}^{IA}a^{c\varepsilon}$ a argumentos de ***B*** quanto às ordenadas cognitivas **c** e à emocional **ε**, e, por sua vez, ***B*** for acessível às informações adicionais de ***A*** acerca das ordenadas ${}^{IB}a^{c\varepsilon}$, um novo equilíbrio poderá ser ajustado entre as partes. Mas se ***A*** ou ***B***, ou ambos, forem inflexíveis em seus desejos e conhecimentos, haverá uma ruptura do regateio. Feito em dois países, na inflexibilidade de seus presidentes ou ditadores, e ao menos um deles se vendo obrigado a zelar obstinadamente pelos seus interesses, aperta o botão soltando mísseis de longo alcance carregados de ogivas nucleares, e seu inimigo, em represália, respondendo na mesma moeda.

A estultice pode decorrer seja por a mente não conseguir incrementar o vetor das ordenada cognitivas $\underline{\boldsymbol{c}}$, seja por influência da componente emotiva $\underline{\boldsymbol{\varepsilon}}$ da ideia. No impedimento cognitivo sobressai a variável genética, como estimada por testes psicológicos. A influência cultural é responsável por predisposição mais acurada de apercepções quanto a determinados aspectos socialmente valorizados. Vivências impactantes, agradáveis e desagradáveis, deixam suas marcas psíquicas na componente emocional da mente, estigmatizando determinadas ideias e afetando o processo decisório como, por exemplo, traumas e consequentes transtornos; o próprio ato comunicativo, carregado de sentimentos de simpatia/antipatia, é capaz de duradoura influência sobre a emoção de uma ideia.[8]

A rigidez na flexibilidade, ao $\boldsymbol{A}$ e $\boldsymbol{B}$ se comunicarem, não obstante ${}^{KfaIPA}a^{c} = {}^{KfalPB}a^{c}$ e ${}^{K\underline{escPA}}a^{c} = {}^{KescPB}a^{c}$, não só em caso de níveis de flexibilidade díspares entre os dois, quando o menos flexível não consegue alcançar certas cognitivas do mais flexível, mas também para mentes mais aproximadas em seu intelectual, fazendo com que ${}^{IA}a^{c\varepsilon} \approx {}^{IB}a^{c\varepsilon}$ se distanciem por razões emocionais, prejudicam o processo de enriquecimento das cognitivas e, portanto e, possivelmente, resultarem em decisões díspares e mesmo antagônicas.

Uma busca por conciliação entre os conceitos ${}^{KfaIlA}a^{c\varepsilon} \approx {}^{KfaIlB}a^{c\varepsilon}$ se encontra em Adam Smith[9],

> "How selfish soever man [$\boldsymbol{A}$] may be supposed, there are evidently some principles in his nature, which interest him in the fortune of others [of $\boldsymbol{B}$, $\boldsymbol{C}$, ...], and render their happiness [their $\underline{\boldsymbol{s}}$ in ${}^{PB}a^{os}$, ${}^{PC}a^{os}$, ...] necessary to him

[8] Caso de indivíduos carismáticos, mesmo de baixa flexibilidade, capazes de incendiar cego fanatismo em menos perspicazes simpatizantes.

[9] SMITH, A. *The Theory of Moral Sentiments*, 1759. Liberty Fund Indianapolis 1984, p1.

> [his **s** in $^{PA}a^{os}$] though he derives nothing from it except the pleasure of seeing it."

Notória sua consideração com o aspecto sentimental/emocional, ($^{PA}a^{s}$, $^{IA}a^{\varepsilon}$), em pleno Iluminismo com seu predominantemente frio racionalismo ($^{PA}a^{o}$ _ , _ $^{IA}a^{c}$), em comum com seu também escocês predecessor David Hume, como a componente determinante da ação, expressa, por exemplo, em[10]

> "... the true origin of morals, it will then easily appear how far either sentiment [**s**] or reason [**c**] enters into all determinations "

Em Nietzsche[11], após Zoroastro observar em meio à multidão a queda e morte de equilibrista caindo do alto da corda. provocada por fantoche, e iniciando seu longo caminhar por florestas e aldeias, se expondo a todas as vicissitudes resumidas acima (em conceituação fenomenológica como tóxicas, genéticas, de transmutação) como inibidoras do seu desenvolvimento, sempre retornando a retiro em alto de rochosas montanhas, donde, após restauradores descansos, acorda em estalos de Vieira, em aristotélicas abduções, trazendo claramente à mente os motivos inibidores de sua inflexibilidade. Averiguação obtida graças a espontâneo sentimento que brota de seu coração, no dizer de Nietzsche. No fim das longas caminhadas, expurgado de funestos empecilhos, alcança um superior estágio mental, transformando-o em *Uebermensch*, humano superior, superando-se a si mesmo, brotando em sua mente forte sentimento[12] de relacionamento social, para além das inóspitas éticas racionais,

---

[10] HUME, D. *A Treatise of Human Nature*, 1707, pdf, Ch.I, p5

[11] NIETZSCHE, F. *Also sprach Zarathustra*. http://www.ódominiopublico.gov.br/download/texto/

[12] NIETZSCHE. Op.cit. ,*Und noch ein Mal versank Zarathustra in sich und setzte sich wieder auf den grossen Stein nieder und sann nach. Ploetzlich sprang er empor, - "Mitleiden! Das Mitleiden mit dem hoeheren Menschen! schrie er auf, sund sein Antlitz verwandelte sich in Erz. Wohlan! _Das_ - hatte seine Zeit."*

> "Mais uma vez caiu em si Zoroastro e sentando-se na grande pedra, meditou. Em repente, saltou ao alto, exclamando: "Empatizar! Empatizar com o humano superior!" e seu semblante se petrificou. Pois bem! Isto requereu seu tempo."

Um sentimento ou emoção, o **$\underline{\boldsymbol{\varepsilon}}$** ou **$\underline{\mathbf{s}}$** de ${}^{PA}a^{os}$ ou ${}^{IA}a^{c\varepsilon}$, perfazendo o papel socializante entre os senão sociopatas humanos expurgados de seus bloqueios psicóticos. Substituindo o verbo *Mitleiden* por empatizar, talvez se torna mais nítido o papel fundamental dos sentimentos e emoções na estrutura intencional da mente tão claramente entendido por Nietzsche. Mas expressamente consciente da sua dupla estrutura, como se lê[13] em

> "Tanto o sentimento apurado pelos sentidos [${}^{PA}a^{S}$], quanto o conhecido [cognitivo] pela mente [${}^{IA}a^{C}$], não são fins em si mesmos. Mas o sentimento [**$\underline{\mathbf{s}}$**] e o conhecido [**$\underline{\mathbf{c}}$**] podem querer te convencer cada qual ser o objetivo final [da ação]: de tão vaidosos que o são."

Sentimento e conhecimento (cognitivo) são somente os meios para se chegar ao objetivo da ação (*aller Dinge Ende*), finalidade essa expressa em[14] na realização como resultante do agir. O conseguir, o poder, se limita ao conhecer, ao cognitivo (**$\underline{\mathbf{o}}$** ou **$\underline{\mathbf{c}}$**) e o que mais (*am liebsten*, **$\underline{\boldsymbol{\varepsilon}}$**) a mente quer, se encontra no realizar (*schaffen*), resultando em ação. Sugerindo um resultado para além de si, quer dizer, para o coletivo. Esclarecido pela citação[15]

> Meu sofrimento e minha compaixão [${}^{PA}a^{S}$, ${}^{IA}a^{\varepsilon}$] – o quanto pesam? Busco a felicidade? Busco minha obra [${}^{PA}a^{O}$]!

---

[13] NIETZSCHE. Op.Cit. „*Was der Sinn fuehlt, was der Geist erkennt, das hat niemals in sich sein Ende. Aber Sinn und Geist moechten dich ueberreden, sie seien aller Dinge Ende: so eitel sind sie.*

[14] NIETZSCHE. Op.cit. „ *Nicht mehr vermag es das, was es am liebsten will: - ueber sich hinaus zu schaffen. Das will es am liebsten, das ist seine ganze* Inbrunst."

[15] NIETZSCHE. Op.cit. "*Mein Leid und mein Mitleiden - was liegt daran! Trachte ich denn nach _Gluecke_? Ich trachte nach meinem _Werke_!*

Que seja ${}^{IA}a^{c\varepsilon}$ a ideia do humano superior Zoroastro acerca de algo, um determinado ser inanimado ou vivo, e ${}^{IB}a^{c\varepsilon}$ a ideia de outro *Uebermensch*. Dificilmente as ordenadas cognitivas e emotivas de ${}^{IA}a^{c\varepsilon}$ serão equivalentes às ordenadas ${}^{IB}a^{c\varepsilon}$. Destarte, a comunicação entre ***A*** e ***B*** é imperfeita mesmo entre os humanos superiores de Nietzsche, por mais empáticos que sejam. Maior ainda o distanciamento entre as ideias dos menos flexíveis aldeões entre si e com os supra-humanos.

A realização envolve o social para Nietzsche. Mesmo Zoroasto o desejando $[{}^{IA}a^{\varepsilon}]$, em empatia com os seus iguais *Uebermenschen*, não o consegue, em mais empáticos que sejam, por <u>falta da relação</u> entre o $\boldsymbol{\underline{\varepsilon}}$ e o $\boldsymbol{\underline{c}}$ nas ideias integradoras ${}^{IA}a^{c\varepsilon}$ e ${}^{IB}a^{c\varepsilon}$ denotadas por ${}^{IA}a^{c} \approx {}^{IB}a^{c} \approx \ldots$ A empatia nietzscheana, por si só, não é suficiente, não obstante ser condição necessária, para integrar ação conciliadora entre os superiores, mas insuficiente também na relação entre estes e os menos flexíveis aldeões das planícies, tolhidos em sua capacidade de ascender às alturas reveladoras de seus inibidores transtornos e abertura para avanços cognitivos.

A implacável limitação cognitiva, mesmo para os iluminados superiores em flexibilidade intelectual, requer um processo decisório não limitado à mente individual, em esforço de aglutinação das diferenças cognitivas. Não é somente do potencial cognitivo da mente humana mesmo em seus bilhões de células neurais e suas conexões sinápticas, mas do <u>tempo</u> requerido para as ***A*** em seu Agora se inteirar e aprofundar na percepção de uma determinada ${}^{PA}a^{os}$ e sua memorização e ampliação para ${}^{IA}a^{c\varepsilon}$, ainda mais que o número de informações detectadas e comunicadas tende a se expandir exponencialmente.

A ação ensejada por ${}^{IA}a^{c\varepsilon}$, consequentemente, será diferente da resultante de processo decisório de ${}^{IB}a^{c\varepsilon}$. Enquanto o sentimento de

desagrado não for notório para motivar uma alteração dos processos decisórios de ***A*** e ***B***, ou sob impacto de psicotrópicos, não haverá melhoria na adaptação desses indivíduos em sua adequação à realidade.

Mas empatia e simpatia, como aqui entrevistas por Smith e Nietzsche, sugerem não só serem componentes imprescindíveis para além do cognitivo, o serem também para alcance do processo decisório a nível social.

Para abrandar as divergências pessoais ${}^{IA}a^{c\varepsilon} \approx {}^{IB}a^{c\varepsilon}$, a sabedoria antiga instituiu dois modelos de ação democrática como apontados por Montesquieu[16], a Ágora das Cidades- Estado gregas e a Dieta das tribos germânicas, reunindo cidadãos e guerreiros, especialmente em ambiente de guerra. Não somente para votação das melhores propostas colocadas em discussão por suas lideranças, mas, principalmente para os participantes se despojarem ao menos um pouco das limitações de suas inibidoras emoções particulares e, sob pressão, tendo em vista iminentes embates bélicos fatídicos para o todo e cada qual, criar ambiente propício à melhora de empatia emocional de uns com os outros e assim conseguindo compartilhar e desenvolver as ordenadas cognitivas, aperfeiçoando o processo decisório e, se não levando a consenso, mas a uma maioria mais consentânea indispensável para o sucesso do grupo. Forneceram o protótipo das hodiernas instituições desenvolvidas com o fim de estabelecer normas de ação a conjuntos de indivíduos, capazes de aglutinar seus comportamentos a objetivos socialmente estabelecidos.

Após as catastróficas guerras mundiais do século passado, países europeus aperfeiçoaram o processo democrático, reduzindo o excesso de poder dos responsáveis pelas decisões políticas, mesmo que de

16

suposta elevada flexibilidade, mas humanamente insuficiente em seus conhecimentos $\underline{\mathbf{c}}$ e seus intentos $\underline{\boldsymbol{\varepsilon}}$ como representantes de seus muitos e heterogêneos cidadãos, instituindo o parlamentarismo como processo decisório democrático, ideia desenvolvida no Cap. V.

IV

HERMENÊUTICA FENOMENOLÓGICA DA VERDADE EM HEGEL

A filosofia de Hegel, aqui denominada Epísteme-onto-lógica (EOL), pode ser entendida como propondo a explicitar o conceito da verdade. O campo de reflexão é a mente, denominada *Mentis* nos primórdios da Fenomenologia do Espirito e *Geist* posteriormente. Seu entendimento se fará a partir da Fenomenologia do Ato Mental (FAM), acima delineada. Não obstante Hegel[1] compartilhar da ideia de temporalidade do Agora, explícita em

> "Vem aqui indicado o Agora; este Agora. Agora; já deixou de ser, enquanto estava sendo indicado; o Agora que está sendo, é outro que o indicado, e vemos que o Agora é mesmo este, e [mesmo] enquanto está sendo, não o é mais. O Agora como se nos vem sendo indicado, é um indicado; e essa é a sua verdade; não é a verdade do Ser. Contudo, isso é verdadeiro, que foi um indicado. Mas o que uma vez foi, não é mais um Ser de fato; ele não "é", e do Ser nada restou.",

não soube trazer o passado lembrado para dentro do Agora, tendo que relegá-lo ao transcendente (como o fez Husserl[2]).

---

[1] HEGEL, G.W.F. *Phaenomenogie de Geistes. Es wird das Itzt gezeigt; dieses Itzt. Itzt; es hat schon aufgehört zu sein, indem es gezeigt wird; das Itzt, das ist, ist ein anderes als das gezeigte, und wir sehen, daß das Itzt eben dieses ist, indem es ist, schon nicht mehr zu sein. Das Itzt, wie es uns gezeigt wird, ist es ein gewesenes; und dies ist seine Wahrheit; es hat nicht die Wahrheit des Seins. Es ist also doch dies wahr, daß es gewesen ist. Aber was gewesen ist, ist in der Tat kein Wesen; es *ist* nicht, und um das Sein war es zu tun.*

[2] Husserl, E. *Ideen zu einer reinen Phaenomenoloige und phaenomenologiscne Philosophie.Originäre Erfahrung haben wir von den physichen Dingen in der »äußeren Wahrnehmung«, aber* ***nicht mehr in der Erinnerung*** *oder vorbidenden Erwartung " Jahrbuch für Philosophie und phänomenologische Forschung*. Halle: Max Niemeyer Verlage, 1913, p8. *„Originäre Erfahrung haben wir von den physichen Dingen in der »äußeren Wahrnehmung«, aber* ***nicht mehr in der Erinnerung*** *oder vorbidenden Erwartung* " [Experiência original nós a temos dos objetos físicos na ‚percepção exterior', mas não mais na lembrança ou imaginária expectativa]

Visando expor o pensamento de Hegel, partir-se-á de um dito logo no Prefácio da segunda edição da sua Fenomenologia[3], onde afirma

> "O rigor parece exigir que se examine, antes de mais nada, o começo como o fundamento sobre o qual tudo se constrói".

Eventualmente ampliando a abordagem da hermenêutica de Gadamer, procurar-se-á não só interpretar a EOL em termos da FAM, mas também tentar enriquecer essa última com a exuberância analítica da EOL, expresso simbolicamente como

> EOL <--- > FAM.

A interpretação e tradução da EOL depende primordialmente de dois conceitos que pervadem toda a obra de Hegel. O primeiro, no original em alemão, é ***Wahrheit*** que, sem maior problema, se traduz por verdade. No entanto, o derivado *Wahrnehmung*, traduzido por percepção, não possui parentesco etimológico em português com o substantivo verdade. Assim, no cotidiano da língua alemã, associam-se aqueles dois conceitos com *wahrnehmen* significando tomar algo como verdadeiro. W*ahrnehmen* corresponde aproximadamente a 'captar a verdade' e *fuer wahr halten*, a assegurar como verdadeiro.

O segundo conceito fundamental, ***Wirklichkeit***, traz nitidamente consigo a ideia de *wirken*, ou seja, atuar. O conceito adveio da tradução para o alemão do termo latino *actualitas* do Século XIII de Meister Eckhard[4]. Atualidade, assim como atualmente, significam um momento de tempo atual, uma época, e não sugerem um ativo atuar. Para denotar em nossa língua o senso dinâmico imbuído no germânico *Wirklickeit'*, o

[3] HEGEL, G.W.F. Op Cit. *„Die Gruendlichkeit scheint zu erfordern, den Anfang, als den Grund, worauf Alles gebaut sey, vor Allem aus zu untersuchen."*

[4] Conforme Philosophisches Woerterbuch, Alfred Kroener Verlag, 1955, p. 643.

traduziremos por actualidade, remontando às nossas raízes latinas. Em diferença à dimensão dinâmica correspondente à emotividade como postulada na FAM, Hegel deriva a actualidade do movimento dos percebidos por nossos sentidos em sua interação com o cognitivo das ideias. Limita-se ao cognitivo da FAM. Passa ao largo da poesia lírica de seu colega Hoelderlin, inspirado pelo dionisíaco da antiga Grécia, só devidamente reconhecido em seu romantismo após décadas. O desafio de Hegel consistiu na integração da *Wirklichkeit* com a *Wahrheit*, o lado dinâmico com o mais estático da mente. Uma vinculação essencial para a compreensão de sua dialética, pois enquanto o perceber das coisas é fluido, a sua busca é pela verdade absoluta.

O pensamento de Hegel pode ser exposto a partir de embrionária citação logo no Prefácio da Fenomenologia[5], em seu complexo e exuberante expressar, como aqui traduzido:

> "A imediatez do estar sendo da mente, o estar ciente, detém os dois momentos do saber e do negativo saber da objetividade. Enquanto que nesse elemento a mente se desenvolve e explicita seus momentos, este contraste se agrega a eles e todos eles surgem como figuras do estar ciente. A ciência desse caminho é a ciência da experiência, produto do ato mental; a substância é considerada, tanto ela quanto seu movimento, como sendo objeto desse ato. O ato mental somente sabe e entende do que consta de sua experiência; pois o que nela consta é somente substância mental, como

[5] HEGEL, GW.F. Op. Cit. *Das unmittelbare Dasein des Geistes, das Bewußtsein, hat die zwei Momente des Wissens und der dem Wissen negativen Gegenständlichkeit. Indem in diesem Elemente [der negativen Gegenstaendlichkeit] sich der Geist entwickelt und seine Momente auslegt, so kommt ihnen [der Momente] dieser Gegensatz zu, und sie treten alle als Gestalten des Bewußtseins auf. Die Wissenschaft dieses Wegs ist Wissenschaft der Erfahrung, die das Bewußtsein macht; die Substanz wird betrachtet, wie sie und ihre Bewegung sein [des Bewußtseins] Gegenstand ist. Das Bewußtsein weiß und begreift nichts, als was in seiner Erfahrung ist; denn was in dieser [Erfahrung] ist, ist nur die geistige Substanz, und zwar als Gegenstand ihres [der Substanz] Selbsts. Der Geist wird aber Gegenstand, denn er ist diese Bewegung [este movimento], sich ein anderes, d.h. Gegenstand seines Selbsts [de si próprio] zu werden [ficando], und dieses Anderssein aufzuheben. Und die Erfahrung wird eben diese Bewegung genannt, worin das Unmittelbare, das Unerfahrne, d. h. das Abstrakte, es sei des sinnlichen Seins [do Ser sensível] oder des nur gedachten Einfachen [do pensado simples], sich [der Erfahrung] entfremdet [se desestranha], und dann aus dieser Entfremdung [desestranhamento] zurückgeht, und hiemit jetzt erst in seiner Wirklichkeit [sua actualidade] und Wahrheit dargestellt [exposto] - wie auch Eigentum des Bewußtseins [die Wahrheit]- ist.*

> objeto do seu próprio estar sendo. Mas o ato mental se torna objeto, pois ele é tal movimento, de ficar sendo um outro, isto é, objeto de si mesmo, para se descolar [*sich aufheben*] dessa outridade. Pois esse movimento é denominado experiência, onde o imediato, o não-experienciado, quer dizer, o abstrato, seja proveniente da sensibilidade, seja simplesmente pensado, se estranha, para então retornar desse estranhamento e somente agora ficar exposto em sua actualidade **e** em sua verdade, também propriedade do ato mental."

O texto, entre aspas e sublinhado, vem detalhado a seguir.

"A imediatez do estar sendo da mente ...**"** Em sua primeira versão da Fenomenologia do Espírito, Hegel se utilizou no título do termo latino *Mentis* ao invés do germânico *Geist*. Já *Dasein* é costumeiramente traduzido por 'estar-aí' na esteira do existencialismo de Heidegger. Não obstante na tradução o 'estar' sinalizar o lado dinâmico do '*Sein*' no '*Dasein*', o 'aí' assim como o '*Da*' ou '*Dorf*' em alemão são demasiadamente estáticos para o entendimento e as intenções de Hegel. A temporalidade do Agora como concebido na FAM leva a uma melhor compreensão do *Dasein* hegeliano.

Dentro dessa concepção cabe a interpretação do *Dasein* de Hegel como o estar sendo da mente.

... "o estar ciente,**"** **...** Ao invés de traduzir *Bewusstsein* por consciência, optou-se por 'estar ciente' levando-se em conta duas razões, (1) por consciência trazer consigo um sentido ético-religioso (consciência pesada, *mea culpa*) e (2) por admitir-se a temporalidade do Agora onde tudo é fluxo e não Ser (*Sein*), como contido em *Bewusst-* sein, preferindo-se a fluidez do estar no estar ciente.

... "detém os dois momentos do saber e da negativa objetividade do saber.**"** Pressuposto crucial de Hegel para a compreensão de seu sistema. O estar ciente detém dois momentos,

(1) o saber (*des Wissens*) e (2) a negativa objetividade (*Gegenstaendlichkeit*) do saber. Não se trata de objetos serem algo negativo, mas de uma característica ou atitude negativa do saber atribuída aos objetos no ato de sua conscientização. Destarte surge o contraste entre o saber e a negatividade do saber dos objetos. Surpreendentemente, ao menos à primeira vista, a negativa objetividade do saber dos objetos corresponde na FAM à percepção, ${}^{PA}a^{os}$, e o 'saber', à ideia, ${}^{IA}a^{c\varepsilon}$.

Na Enciclopédia[6], Hegel se refere ao seu conceito de ideia,

> "Na natureza, somente a ideia seria conhecida, mas sob a forma de desexternamento (*Entaeusserung*), tal qual na mente ela mesma (seria conhecida) como sendo para si e em seu tornar-se (*werdend*). Tal determinação, na qual a ideia se apresenta, é a o mesmo tempo um momento de fluidez."

Aussen, contido em *Entaeusserung*, se traduz por externo, e deixar de ser externo, poderia ser desexternar. O externo sendo considerado como de negativa objetividade para o saber e para a mente, e obtido pela percepção ${}^{PA}a^{os}$, o percebido é o externo e sua transposição para a ideia ${}^{IA}a^{c\varepsilon}$ consiste em seu desexternamento. Certamente estranho não só em português, como estranho o estranhar um percebido sensório. Para a FAM a fluidez da ideia decorre da experiência, da vivência (*Erfahrung, Erlebnis*), da sua interação com os percebidos, ou seja, do ${}^{PA}a^{os}$ --->${}^{IA}a^{c\varepsilon}$.

Primeiro passo em direção à verdade no idealismo de Hegel, em busca do estável distanciado da fluidez da experiência sensível. A estratégia que pervade a EOL tem por objetivo a busca da verdade

[6] HEGEL, G.W.F. *Enzyklopaedie der philosophishen Wissenschaften. In der Natur ist es nicht ein Anderes als die Idee, welches* [*das Andere*] *erkannt würde, aber sie* [*die Idee*] *ist in der Form der Entäußerung* [desexteriorização!]*, so wie im Geiste ebendieselbe als für sich seiend* und *an und für sich werdend. Eine solche Bestimmung, in der die Idee erscheint, ist zugleich* ein *fließendes Moment;"*

absoluta, como já evidenciado na introdução da *Phaenomenologie*[7], com referência aos dois momentos acima referidos, do saber e da negativa objetividade do saber, o primeiro pretendendo conduzir ao conhecimento absoluto,

> "... onde os momentos do todo são figuras do estar ciente. Enquanto esse (o estar ciente) se impulsiona em direção à sua verdadeira existência, chegará a ponto de se desfazer de sua imagem revestida do estranhado, que é somente para si e como um outro, ou onde a imagem se equipara à essência, e assim sua apresentação coincide nesse ponto com a autêntica ciência da mente e, finalmente, enquanto concebe para si mesma essa sua essência, significa a própria natureza do saber absoluto."

Os dois momentos do estar sendo da mente, a imagem do estranhado e a essência, aos quais ela se locomove, se encontram em um ponto no qual a mente concebe para si mesma sua essência, assim indicando a natureza do saber absoluto. Essa a trajetória traçada por Hegel para chegar à verdade, inclusive absoluta. O seu movimento se resume em desfazer-se da presumida negatividade do saber dos percebidos ${}^{PA}a^{os}$ em direção à essencial ${}^{IA}a^{c\varepsilon}$.

Mas a ${}^{IA}a^{c\varepsilon}$ é mais que a fria ideia da EOL, pois considera uma componente adicional, já considerada por Feuerbach em sua crítica ao idealismo absoluto, justamente a emoção $\boldsymbol{\varepsilon}$, o sentimento $\boldsymbol{s}$ lembrado de ação perpetrada por $\boldsymbol{A}$, decisiva variável do movimento decisório e consequente ação. Movimento esse que na EOL se restringe aos ${}^{PA}a^{o}$ e ${}^{IA}a^{c}$.

"... Enquanto que nesse elemento [do negativo saber dos objetos] a mente se desenvolve e explicita seus momentos, esse contraste [do

[7] HEGEL, G.W.F. *Phaenomenologie des Geistes. Einleitung. „... wodurch die Momente des Ganzen, Gestalten des Bewußtseins sind. Indem es z.u seiner wahren Existenz sich forttreibt, wird es einen Punkt erreichen, auf welchem es seinen Schein ablegt, mit Fremdartigem, das nur für es und als ein anderes ist, behaftet zu sein, oder wo die Erscheinung dem Wesen gleich wird, seine Darstellung hiemit mit eben diesem Punkte der eigentlichen Wissenschaft des Geistes zusammenfällt, und endlich, indem es selbst dies sein Wesen erfaßt, wird es die Natur des absoluten Wissens selbst bezeichnen."*

saber e do negativo saber dos objetos] se agrega a eles [aos momentos] e todos eles surgem como figuras do ato mental." A negatividade no saber dos objetos vem a ser o elemento no qual a mente se desenvolve e explicita seus momentos, ou seja, na percepção ${}^{PA}a^{os}$. O desenvolver desse momento pode ser entendido como o aperceber das ordenadas de ${}^{PA}a^{os}$ na experiência sensorial, lembrada sob a forma de ideia ${}^{IA}a^{c\varepsilon}$. Para a EOL, são a contrastante negatividade do saber da ${}^{PA}a^{os}$ e o saber da ${}^{IA}a^{c\varepsilon}$, figuras do ato mental. Para a FAM, a ideia ${}^{IA}a^{c\varepsilon}$ se desenvolve no perceber da ${}^{PA}a^{os}$. Ambas figuras do estar ciente do ato mental.

"... A ciência desse caminho é a ciência da experiência, produto do ato mental; a substância é considerada, tanto ela quanto seu movimento, como sendo objeto [no singular] do ato mental." A interação ${}^{PA}a^{os}$ e ${}^{IA}a^{c\varepsilon}$ é o caminho da experiência, enriquecendo a ideia. De acordo com o original conceito de substância, a *ουσία* de Platão e de Aristóteles[8],

> ... a substância (*ουσία*) não é somente o sujeito último do qual algo se declara, mas também um ente ontológico que independe do efêmero ... E assim como as causas primeiras de todos os entes por sua vez são substância (*ουσία*) ...

Na citação, a substância é entendida não somente como figura gramatical, um substantivo, cerne de qualificações acidentais, mas também como ser ontológico, despojado (*enthoben*) de todos os qualia, sem os quais nada mais seria (*nichts waere*). Agora, após o

[8] ARISTOTELES' METAPHYSIK. Felix Meiner Verlag, 1989. II. *Zu einigen mehrdeutigen Begriffen in Aristoteles' Metaphysik': ουσία (Wesen: Substanz, Wesenheit) ... „Abschließend sei erwähnt, daß ουσία nicht nur aussagenmäßig (und „logisch") bestimmt wird als „letztes AussagenSubjekt", sondern auch seinsmäßig („ontologisch") als das, „ohne welches nichts von dem übrigen (sc. den Akzidenzien) sein kann" ('Cat.' 5, 2b 5-6), während es selbst „ohne das übrige sein kann" ('Metaph.' V 11, 1019a 3-4...)." 'Metaph.' V 11, 1019a 3-4, mit Verweis auf Platon, der sich dieser Bestimmung zuerst bediente, wohl hins. der mathematischen Wesen, vgl. III 5, 1002a 4-15). Und sofern die ersten Ursachen alles Seienden wiederum ουσία sind, werden sie bestimmt als das, „bei dessen Aufhebung auch alles übrige aufgehoben wird" (XI 1, 1059b 30; „denn wenn diese nicht wären, so wäre überhaupt nichts", IX 8, 1050b 19; XII 6, 107lb 5-6)5.* Destaque do autor.

transcendental kantiano, descartado o metafísico transcendente, e, por sua vez, na FAM, se descolando dos efêmeros **c̲ε̲**, restaria o singular **a̲** do ${}^{IA}a^{c\varepsilon}$.

Cabe aqui a seguinte explicação de Hegel[9] quanto ao conceito de substância:

> "De acordo com meu ponto de vista, que se justificaria (*es koemmnt darauf an*) pela exposição de meu sistema, tudo depende de considerar e expressar (*auszudrueken*) a verdade não como substância, mas igualmente como sujeito. Ao mesmo tempo é de se observar que a substancialidade contém tanto o geral, o imediato do saber, quanto aquela substancialidade do ser para o saber, da imediatez para o saber." Destaques meus.

A mente em seu estar ciente abriga dois imediatos, (1) o geral, o não experenciado e o abstrato como também é denominado, enfim o percebido pelos sentidos (eventualmente pela comunicação), e (2) o imediato essencial do ser para o saber. O imediato não é uma dimensão temporal, mas lógica. A passagem de um para o outro, do percebido à essência, a experiência, é puramente epistêmica.

Para a EOL, não a substância, mas a substancialidade (*die Substantialitaet*), quer dizer, o potencial da substância agregar atributos, engloba (*schliesst in sich*) os dois imediatos. O imediato do saber para Hegel, o abstrato, corresponderia na FAM ao percebido ${}^{PA}a^{os}$, enquanto que a essência, à ideia ${}^{IA}a^{c\varepsilon}$. Mas a substancialidade abriga também a imediatez para o saber do sujeito ***A*** sob a forma de ideia ${}^{IA}a^{c\varepsilon}$ na FAM. Resta, na formulação ${}^{IA}a^{c\varepsilon}$, no ato mental, descolado de suas qualidades ${}^{IA}a^{c\varepsilon}$, abstraindo da ideia a individualidade de ***A*** e seus

[9] HEGEL,G.W.F. Op. Cit. *„Es kömmt nach meiner Einsicht, welche sich durch die Darstellung des Systems selbst rechtfertigen muß, alles darauf an, das Wahre nicht als Substanz, sondern ebensosehr als Subjekt aufzufassen und auszudrücken. Zugleich ist zu bemerken, daß die Substantialität sosehr das Allgemeine oder die Unmittelbarkeit des Wissens als diejenige [Substantialitaet], welche Sein oder Unmittelbarkeit für das Wissen ist, in sich schließt."*

particulares atributos cognitivos **c** e emocionais **ε**, como lastro da ideia ***I***, a substância, a *ουσία* **a**.

Para tanto, há de se conscientizar mais uma vez da decisiva ruptura efetuada pela física após o Renascimento, claramente exposta por Newton[10],

> "Temos ideias dos seus atributos, mas qual a real substância de qualquer coisa não o sabemos.",

em outras palavras, sabemos dos atributos como **c** e **ε** de ${}^{IA}a^{c\varepsilon}$, mas não o sabemos da substância expressa pela letra **a**. Assim como a Física se desenvolveu sem procurar saber qual a força que faz gravitar astros e elétrons, a abordagem fenomenológica da *ουσία* ou substância em sua transcendentalidade designada como um simples **a** mas caracterizada por seus atributos **c** e **ε**, talvez faça sentido sob uma das formas ${}^{PA}a^{os}$, ${}^{IA}a^{c\varepsilon}$, ${}^{KforA}a^{c\varepsilon}$. Enquanto as ciências naturais se atêm aos cognitivos ${}^{PA}a^{o}$, ${}^{IA}a^{c}$, ${}^{KforA}a^{c}$, portanto ao saber, a filosofia tem por objetivo conciliar o saber com o dever, i.e., desenvolver uma ética com regras de como agir a partir do sabido. Um empreendimento que requer considerar além das ordenadas cognitivas **o** e **c**, as ordenadas sentimentais e emotivas **s** e **ε** acopladas ao substrato **a**.

"... O ato mental somente sabe e entende do que consta de sua experiência; pois o que nela consta é somente a substância mental, que tem a si própria (*nur der geistigen Substanz*) como objeto." Uma redundância qualificar a substância como mental.

"... Mas o ato mental se torna objeto, pois ele é tal movimento, de ficar sendo um outro, isto é, objeto de si mesmo[11], para se despojar (*sich*

---

[10] Como se lê em *The Mathematical Principles of Natural Philosophy* de Newton *apud* ... *"we have ideas of his attributes, but what the real substance of anything is we know not.*

[11] HEGEL,G.W.F , Op. Cit.. *„Die Ungleichheit, die im Bewußtsein zwischen dem Ich* (Eu) *und der Substanz, die sein* [*des Ichs*] *Gegenstand ist, stattfindet, ist ihr* [*der* Ungleichheit] Unterschied,*das Negative überhaupt.Es*

aufheben) dessa outridade." Justamente, o ato mental consiste nesse passar do percebido [$^{PA}a^{os}$] à ideia [$^{IA}a^{c\varepsilon}$], ao menos em primeira etapa. Despojar no sentido de se elevar pois, afinal, para o idealismo hegeliano, a ideia é algo superior a esse outro que é o percebido. Restaria próximo passo, desfazer-se do **c** e do **ε**, restando um **a**.

"... Pois esse movimento é denominado experiência, onde o imediato, o não- experienciado, quer dizer, o abstrato, seja proveniente da sensibilidade, seja simplesmente pensado, se desestranha, para então retornar desse (ato de) estranhamento e somente agora ficar exposto em sua actualidade e em sua verdade, também propriedade do ato mental**."**

Um terceiro passo em direção à verdade no estar sendo da mente (de Hegel), resultado de um enlevar-se da experiência entre o abstrato e a essência, ao supremo nível do estar sendo da mente, o estar-se ciente (*das Selbstbewusstsein*[12]) onde reina a verdade e na qual em instância suprema, a mente alcança o absoluto. Em termos da FAM, esse movimento repete a negação do estranho percebido $^{PA}a^{o}$ para chegar à imediatez da ideia $^{IA}a^{c}$, ao negar, por sua vez, o estar ciente da $^{IA}a^{c}$, para alcançar a ideia a verdade absoluta, ^{IA}a, despojada de todo efêmero. No entanto, uma vez alcançada, Hegel lhe faz a inesperada concessão ainda no prefácio da *Phaenomenologie*[13], feito tributo à sua crença no absoluto, de

> "O absoluto não deve ser entendido, mas sentido e intuído, não seu conceito, mas o protagonismo e sua expressão devem caber ao sentimento e à intuição.

[*das Negative*] *kann als der Mangel beider angesehen werden, ist aber ihre Seele oder das Bewegende derselben;"*

[12] HEGEL,G.W.F. *Encyklopaedie der phososophischen Wissenschafte*, como já citado acima.

[13] HEGEL, G.W.F. *Phaenomelogie des Geistes. Vorrede. „Das Absolute soll nicht begriffen, sondern gefühlt und angeschaut, nicht sein Begriff, sondern sein Gefühl und Anschauung sollen das Wort führen und ausgesprochen werden."*

Hegel, pressionado por sua formação religiosa[14] e pelo condicionamento cultural ainda advindo dos tempos medievais, não conseguiu atentar devidamente à ordenada emocional $\underline{\boldsymbol{\varepsilon}}$ da ideia ${}^{IHegel}a^{c\varepsilon}$ e liberado de seu compulsivo emocional, redundou em um idealismo absoluto do tipo ${}^{IHegel}a$, incompatível inclusive com a Física de seus tempos, já depurada da necessidade de apoio em transcendente

Se em <u>movimento dialético</u> $\boldsymbol{H}_{\text{egel}}$ se despoja (*sich entheben*) da negatividade do percebido ${}^{PHegel}a^{o}$, lhe resta a ideia ${}^{IHegel}a^{c}$, enlevando a objetividade do objeto $\underline{\boldsymbol{o}}$ ao lembrado conhecido $\underline{\boldsymbol{c}}$ e ignorando o devaneio do sentimento $\underline{\boldsymbol{s}}$ à reminiscência emotiva $\underline{\boldsymbol{\varepsilon}}$. Em dialética insistência, por sua vez, $\boldsymbol{H}_{\text{egel}}$ se despoja, ciente, em seu estar sendo, da negatividade da ideia ${}^{IHegel}a^{c}$. Contudo, como em Física não se consegue alcançar a ideia de força em se despojando dos eventos observáveis pelos sentidos, ao pretenso conceito de *Selbstbewusstsein,* ${}^{VHegel}a$, *na EOL*, nada mais restaria que desfazer-se das ordenadas cognitiva e emotiva $\underline{\boldsymbol{c}}$ e $\underline{\boldsymbol{\varepsilon}}$, e com isso, redundar no hegeliano imaginário <u>estar-se ciente</u> da transcendente substância $\underline{\boldsymbol{a}}$ (*ουσία*). Um retrocesso em relação à atitude epistemológica da Física e ao transcendental de Kant. Como lançar-se no precipício do incognoscível, onde ansiava encontrar a verdade absoluta, em seu ápice dialético, em felicidade.

Poder-se-ia concluir em epílogo,

Mente a mente
Mente à mente [15]

[14] Hegel, juntamente com Schelling e Hoelderlin, cursou o seminário luterano de Tuebingen

[15] Em tradução, *Der Geist luegt Er beluegt sich selbst*

V

A ALIENAÇÃO DE MARX E A SUPERAÇÃO DA ECONOMIA POLÍTICA COMO CIÊNCIA

Marx[1] em seu contexto neo-hegeliano se refere em crítica ao idealismo absoluto à

> "antiga filosofia, especificamente, à transcendência de Hegel."

Ciente, pois, da presunção ontológica da EOL, já rechaçada pelo transcendental kantiano. Embora detenha essa atitude crítica a Hegel, sem dúvida, fundamental, o objetivo dos *Manuskripte* se foca em crítica à Economia Política e à busca de uma solução para a má distribuição da renda entre trabalhadores e capitalistas, como observada na França e Inglaterra no início da revolução industrial na primeira metade do Século XIX. Embora Marx tenha finalizado o Terceiro Manuscrito[2] com crítica detalhada à dialética hegeliana e à filosofia em geral, paira sempre sobre seus escritos o espírito do influente pensador daqueles tempos, refletido na terminologia hegeliana adaptada à busca da compreensão da realidade econômica.

Tanto em Hegel quanto em Marx, o significado do termo 'estranho' (*fremd*) é fundamental para o entendimento de seus escritos, possibilitado por explicitação da diversidade conceitual dos dois

---

[1] MARX, K.. *Oekonomisch philosophische Manuskripte* (1844)**,** *Internationale Sozialisten - Reihe marxistischer Klassiker,* p,3.*"Genau angesehn ist die theologische Kritik - so sehr sie im Beginn der Bewegung ein wirkliches Moment des Fortschritts war - in letzter Instanz nichts anders als die zur theologischen Karikatur verzerrte Spitze und Konsequenz der alten philosophischen und namentlich Hegelschen Transzendenz."*

[2] *Kritik der Hegelschen Dialektik und Philosophie überhaupt.*

termos, em confronto com a FAM. O texto a seguir[3], já contém os elementos para uma primeira interpretação,

> "Partimos de um fato atual da Economia Política Esse fato nada mais expressa que: O objeto, produzido pelo trabalho, seu produto, se lhe apresenta como algo estranho, como um poder independente do produtor. O produto do trabalho é o trabalho, que se fixa em um objeto, se cosifica, a transformação do trabalho em objeto."

Os fatídicos estranhar do objeto percebido em Hegel e o estranhado produto do trabalho de Marx, constituem os termos que fundamentam o idealismo absoluto e o comunismo como ciência (no dizer de Lenin). Para o primeiro, uma atitude natural do entendimento, mesmo que negativa, passo estratégico na busca dialética do conhecimento ontológico da verdade. O estranhar se enquadra na perspectiva epistemológica da EOL.

O ponto de vista de Marx se confina à Economia Política (EP). Como economista, considera o objeto produzido pelo trabalho como resultante de um processo produtivo. Está-se a nível dos fatos, percebidos como ${}^{PA}a^{o}$. Grosso modo, independente de ***A*** ser um trabalhador, supervisor, capitalista ou o próprio Marx, se algum dia pusesse um pé numa tecelagem ou costura. Mas, certamente, com as devidas diferenças nos vetores componentes de ***o*** de cada qual. O trabalhador sabe dos detalhes do processo produtivo do rolo de tecido ou da camiseta costurada, que escapam aos demais, enquanto que o capitalista, por exemplo, sabe também dos respectivos preços de venda e demais custos envolvidos. Porém, os produtos, para ambos, em sua

[3] MARX, K. *Oekonomisch philosophische Manuskripte.* p.37. *„Wir gehn von einem nationalökonomischen, gegenwärtigen Faktum aus Dies Faktum drückt weiter nichts aus als: Der Gegenstand, den die Arbeit produziert, ihr Produkt, tritt ihr als ein fremdes Wesen, als eine von dem Produzenten [den Arbeiter] unabhängige Macht gegenüber. Das Produkt der Arbeit ist die Arbeit, die sich in einem Gegenstand fixiert, sachlich gemacht hat, es ist die Vergegenständlichung der Arbeit."*

transcendentalidade, são os fatos ${}^{PA}a^{o}$ para os ***A*** envolvidos direta ou indiretamente em sua produção. Crítico da verdade absoluta de Hegel, se apoia no fato econômico, no objeto-produto do trabalho, como fundamento.

Porém, Marx considera o objeto produzido do ponto de vista do trabalhador como tendo uma ordenada adicional ao puramente cognitivo ${}^{PA}a^{o}$. Para tanto, se utiliza do conceito hegeliano do estranhamento da mente frente o objeto percebido pelos sentidos que, em sua negatividade, se transformaria no imediato do ato mental, ${}^{IA}a^{c}$, primeiro passo na busca da verdade. Porém, agora o estranho do objeto produzido, não é considerado uma ordenada cognitiva de ***o***, tampouco o ***A*** uma abstrata mente. O estranhar passa a ser um sentimento[4] ou emoção na mente de ***A,*** de um trabalhador, ou seja,

> " que o o trabalho é algo externo (*aeusserlich*) para o trabalhador, i.e., não pertence à sua essência, que ele não se afirma (*bejaht*), mas se nega a si, não sentindo-se bem, mas infeliz "

Presume Marx que o trabalhador estranha o produto de seu trabalho, por ser um sentimento negativo, de desagrado para o mesmo. Destarte, o crítico do idealismo absoluto decorrente de um ato de negatividade epistemológica da mente, lança mão do mesmo termo 'estranho' para tentar descrever um fenômeno econômico para o entendimento da má distribuição da renda entre proletário e capitalista. A transmutação do conceito hegeliano de 'estranho' (*fremd*) para o 'estranho produto do trabalho fica patente na citação[5]

---

[4] MARX, K. Op. Cit. P. 39. *„... daß die Arbeit dem Arbeiter äußerlich ist, d.h. nicht zu seinem Wesen gehört, daß er sich daher in seiner Arbeit nicht bejaht, sondern verneint, nicht wohl, sondern unglücklich fühlt, ..."*

[5] MARX, K. Op. Cit. p39. *"Wir haben den Akt der Entfremdung der praktischen menschlichen Tätigkeit, die Arbeit, nach zwei Seiten hin betrachtet. 1. Das Verhältnis des Arbeiters zum Produkt der Arbeit als fremden und über ihn mächtigen Gegenstand. Dies Verhältnis ist zugleich das Verhältnis zur sinnlichen Außenwelt, ..."*

> "Consideramos o ato do desestranhamento (*Entfremdung*) da atividade prática humana, do trabalho, a partir de dois aspectos. 1. A relação do trabalhador para com o produto do trabalho como um objeto estranho e de poder sobre si (sobre o trabalhador). Tal relação é igualmente a relação com o mundo externo do sensório, ..."

Marx enveredou por este caminho, de considerar a percepção do objeto produzido pelo trabalhador ***A*** como um fato econômico, ${}^{PA}a^{o}$, com suas ordenadas cognitivas específicas ${}^{PA}\underline{a}^{o}$. Mas omite o seu desestranhamento (*Entfremdung*) para ${}^{IA}a^{c}$ do idealismo hegeliano. Em compensação, se utiliza do termo 'estranho' (*fremd*) como uma ordenada adicional ao ${}^{PA}a^{o}$, não cognitiva, mas sentimental (*ein Fremdgefuehl*). A esta fusão, por sua vez, ${}^{PA}a^{os}$, denomina de ***factum***. No afã de metamorfosear um indigesto sentimento (como o é inclusive para as ciências naturais) em ordenada cognitiva, mensurável, previsível, apalpável. Um pecado não somente marxista, mas que pesa sobre a teoria econômica (quiçá as assim denominadas humanas) até nossos dias.

Ainda insatisfeito, alia ao seu promíscuo conceito de *factum*, ao sentimento de estranhar (o produto do trabalho), mais uma ordenada sentimental, um sentimento de sujeição a poder exercido por terceiro, se impondo ao trabalhador. Ao mesmo tempo que o trabalhador sente o desagrado com seu produto, se lhe desagrada o mesmo por ser um meio de opressão a um terceiro, seu concorrente na distribuição da renda, o capitalista. Talvez por isto, no fundo, se lhe desagrade o produto de seu trabalho, e mesmo, o próprio trabalho. Conclusão: para eliminar tal sentimento de desagrado, há de se eliminar o poderoso responsável por este desatino, ou seja, o capitalista e, assim, o restante da humanidade, em felicidade, poderá desenvolver o seu pleno potencial. O comunismo, do '*travailleurs de tout le monde, unissez-vous*' do Manifesto Comunista de 1848.

Em seu afã (e não somente dele) de alicerçar a Economia Política em sólido fato científico, a conjunção do cognitivo **o** com o sentimental **s**, é engendrada fazendo equivaler 'trabalho' e 'produto do trabalho', coisificando as duas ordenadas em um objeto único constituído por (1) a ação de trabalhar e (2) o sentimento do trabalhador. Uma alquimia que não somente pretendeu, mas efetivamente conseguiu gerar uma ideologia lastreada em fato intrinsicamente impregnado por sentimento de ódio. Feito religião, uma fé aceita sem explicitação de seus pressupostos cognitivos, redundando em cegueira dogmática, implantando emoções propulsoras de atos de fé, pervertendo naturais sentimentos, feito droga alucinógena. Resultando em tragédias, como a revolução russa de 1918.

Mais adiante[6], em

> "A actualização [*wirken, o* actuar] do trabalho é a sua objetificação [*Gegenstand*, objeto]. Essa actualização do trabalho se apresenta no atual estágio da Economia Política como perda de identidade do trabalhador, a objetificação como perda e servidão do objeto, a apropriação como alienação [*Entfremdung*] e desexternalização [*Entäußerung*].",

devendo-se considerar 1) que o termo *Entfremdung* na epistemologia de Hegel significa desestranhamento e foi corretamente traduzido como alienação em conceito econômico para Marx e 2) os dois conceitos *Entfremdung* na *Phaenomenologie* e *Entaeusserung* na *Enziklopaedie*, terem significados distintos em Hegel e foram tornados sinônimos na factualidade marxista ao significarem o mesmo sentimento de desagrado (*ein ungluekliches Gefuehl*) do trabalhador face seu produto.

---

[6] MARX, K. Op. Cit. p37/38. *„Die Verwirklichung der Arbeit ist ihre Vergegenständlichung. Diese Verwirklichung der Arbeit erscheint in dem nationalökonomischen Zustand als Entwirklichung des Arbeiters, die Vergegenständlichung als Verlust und Knechtschaft des Gegenstandes, die Aneignung als Entfremdung, alsEntäußerung."*

Na forçada, híbrida, fusão do cognitivo ato produtivo do trabalhador com o sentimento de desagrado e submissão ligado ao produto do trabalho, ${}^{PA}a^{os}$, se fundamenta o comunismo de Marx. O sentimento de desagrado do trabalho e seu objeto nada mais é que uma hipótese na esteira do negativo de Hegel. Tanto assim, que o escritor de um artigo científico ou romance, ao vê-lo publicado, não compartilha necessariamente de tal sentimento de desagrado. Assim como todo e qualquer trabalhador em relação ao produto de seu trabalho. O trabalho, cansativo, pode ser desagradável, mas ligar este sentimento ao produto do trabalho, é mais que temerário, é uma leviandade intelectual, para dizer o menos. Esta artificiosa simbiose não nasce e não nasceu de uma percepção, vivenciada, nem por Marx, nem por trabalhador, mas, como as atuais *fake news* midiáticas, foi inserida em crédulas mentes sob forma de uma ideia ${}^{IA}a^{c\varepsilon}$, onde ao cognitivo e neutro $\underline{\boldsymbol{c}}$ foi adicionada uma imaginária emoção $\underline{\boldsymbol{\varepsilon}}$. Um ato mental de credulidade, do qual brotam religiões e ideologias.

Como em metafórico sonho, no qual uma emoção vem à tona ligada a um certo cognitivo que, após meticulosa interpretação, se revela ter sido outro o efetivo objeto lembrado em ação que deu origem àquela emoção. Uma transmutação de emoções de um cognitivo para outro. O anseio emocional $\underline{\boldsymbol{\varepsilon}}$ sendo o propulsor do processo decisório lastreado nas ordenadas cognitivas $\underline{\boldsymbol{c}}$ na ideia ${}^{IA}a^{c\varepsilon}$, determina a consequente ação de $\boldsymbol{A}$. Transmutando- se uma emoção, altera-se, pois, a ação. No caso da interpretação correta de um sonho, $\boldsymbol{A}$ conscientiza-se das ordenadas cognitivas de ${}^{IA}a^{c\varepsilon}$, e orientado pela impulsiva $\underline{\boldsymbol{\varepsilon}}$, coloca-se no caminho mais coadunado com suas autênticas experiências sensoriais ${}^{PA}a^{os}$, novamente testado pela percepção sentimental. Enquanto que, inatento

às sutis revelações e alertas de sonho, seguirá se guiando por ordenada cognitiva, possivelmente enganosa.

Com a crescente sofisticação do terceiro nível mental, da comunicação, a psicopatia humana desenvolveu a transmutação emocional, num eficiente instrumento de redistribuição interindividual do poder e da renda. Pais influenciando filhos, carismático líder impondo suas convenientes convicções a pouco flexíveis cidadãos. A necessitada mídia distribuindo bem pagas *fake news* por todos os canais sociais e imagináveis. Como se não bastasse esta moderna barbárie, culminando em catastróficas guerras inclusive mundiais.

Nesse contexto precisa ser entendida a ideologia marxista, ao transmutar um natural desagrado a superiores em poder (sentido por qualquer ser vivo face um mais forte ou emplumado), explícito no acima já referido trecho dos *Manuscripte*,

> "O objeto, produzido pelo trabalho, seu produto, se lhe apresenta como algo estranho, como um poder independente do produtor..."

no qual Marx procura transmutar ao leitor a ideia que o trabalhador aufere sentimento desagradável referente ao produto de seu trabalho e, mais que isto, que a desagradável estranheza já está vinculada a sentimento de submissão e dependência, igualmente desagradáveis, em relação ao capitalista. Uma transmutação exitosa do pressuposto marxista de o trabalhador ser por natureza imbuído dos dois sentimentos e emoções **$\underline{\boldsymbol{s}}$** e **$\underline{\boldsymbol{\varepsilon}}$** intimamente ligados aos cognitivos **$\underline{\boldsymbol{o}}$** e **$\underline{\boldsymbol{c}}$** nas percepções e ideias ${}^{PA}a^{os}$ e ${}^{IA}a^{c\varepsilon}$ presumidas para o trabalhador ***A***, como por Lenin, já citado, leitor dos *Manuscripte*, ao afirmar

> "... já em 1843, quando Marx primeiramente começou a ser Marx, ...",

uma transmutação emotiva que levou à revolução russa de 1918 e que pervade os partidos comunistas e socialistas (substituindo o capitalista por capitalismo do Estado) pelo mundo afora, até hoje em dia.

Em o *Das Kapital*, em colaboração com Engels, Marx retoma o tema da objetivação do valor[7] , reincidindo nas mesmas debilidades epistemológicas já apontadas nos *Manuscripte*, inclusive utilizando-se levianamente do termo 'substância' de Hegel em sua ontologia, como mencionado no capítulo anterior:

> "Um valor de uso ou bemtem, portanto, um só valor, pois que o abstrato trabalho humano nele está objetivado ou materializado. Como medir a dimensão desse valor? Por meio da quantidade da 'substância formadora do valor', do trabalho. A quantidade de trabalho mede-se a partir de sua duração temporal, e o tempo de trabalho dispõe de medida como unidades como horas, dia etc."

Em terminologia fenomenológica, o bem avaliado pelo consumidor ***A*** é representado pela ordenada cognitiva **c** em ${}^{IA}a^{c}$ e o valor de uso pela ordenada emocional $\boldsymbol{\mathcal{E}}$, lembrando um sentimento de ***A*** suscitado no ato de consumo de **c** em ${}^{IA}a^{c\mathcal{E}}$. São três os temerários passos de Marx e Engels para fundamentarem o socialismo como ciência. Um, por abordarem os fenômenos econômicos como se físicos, uma pretenciosa obsessão teórica que vem impregnando a teoria econômica (*economics*) até nossos dias desde, no mínimo, os tempos de Ricardo. A outra, subsequente, à pretensão de mensurarem um sentimento, como se isso fosse possível. E para tanto, medirem o valor $\boldsymbol{\mathcal{E}}$ ou **s** de um bem a partir da imaginária transmutação de emoção ou sentimento em cognitiva ou objeto, em

[7] MARX, K. *Das Kapital*. Dietz Verlag, Berlin/DDR,1962. *Kritik der politischen Ökonomie. Erstes Kapitel. Die Ware. „Ein Gebrauchswert oder Gut hat also nur einen Wert, weil abstrakt menschliche Arbeit in ihm vergegenständlicht oder materialisiert ist. Wie nun die Größe seines Werts messen? Durch das Quantum der in ihm enthaltenen "wertbildenden Substanz", der Arbeit. Die Quantität der Arbeit selbst mißt sich an ihrer Zeitdauer, und die Arbeitszeit besitzt wieder ihren Maßstab an bestimmten Zeitteilen, wie Stunde, Tag usw."*

tempo de trabalho requerido na produção do bem. Para, em ulterior etapa, conseguirem estabelecer o genérico valor de um bem como o tempo de trabalho socialmente requerido para sua produção. E, em suprassumo, em ontológica arrogância imaginária, substituir a substancial ουσία $\underline{\boldsymbol{a}}$ em ${}^{IA}a^{c\varepsilon}$ pelas areias movediças de uma $\underline{\boldsymbol{\varepsilon}}$ ou um volúvel $\underline{\boldsymbol{s}}$ feito ${}^{IA}a^{c}$, uma ilusória transmutação essencial para a edificação de ideologias e crenças religiosas.

O conceito valor de uso de um bem para ***A*** resulta da atribuição do signo 'valor de uso' à ideia, ideia essa que contém como uma de suas componentes a lembrança do sentimento percebido no ato de consumo. A intensidade do agrado ou desagrado da percepção que acompanha o consumo, infelizmente, não é mensurável por parte de ***A***. Avalia o sentimento como mais ou menos intenso em oscilação ao longo do Agora. A lembrança dessa vivência é memorizada sob forma de emoção $\underline{\boldsymbol{\varepsilon}}$ na ideia ${}^{IA}a^{c\varepsilon}$. A mente não requer um utilitômetro externo para medir a intensidade do agrado ou desagrado sentido para registrar a percepção: a emoção é o próprio registro memorizado e que está à disposição para qualquer decisão no futuro. Mesmo que um economista dispusesse de utilitômetro, o seu tempo de trabalho seria desperdiçado, pois que ***A*** dispõe das emoções necessárias em tempo oportuno nas suas tomadas de decisão, sem aconselhamento de um psicoeconomista. Como esse não tem acesso às emoções de ***A***, tampouco às ordenadas cognitivas de ${}^{IA}a^{c}$, ele não consegue prever as decisões de qualquer consumidor daquele bem ou serviço. E mais. Em cada ato de consumo, o sentimento pode ou não confirmar a emoção, eventualmente a revendo e alterando decisões futuras.

A presunção de procurar entender os fenômenos econômicos como os estudados pela física constituiu o paradigma da teoria clássica e

neoclássica e se estende como predominante até os dias de hoje. Somente em meados do século XX começou a ser desvendado esse pressuposto, ao se focar no distanciamento entre o rigor quantitativo do processo decisório dos agentes microeconômicos e a conceptualização requerida pela política econômica a nível nacional, conforme contida no texto de Keynes,[8]

> *"... the element of vagueness which admittedly attends the concept of the general price- level makes this term very unsatisfactory for the purposes of a causal analysis, which ought to be exact. Nevertheless these difficulties are rightly regarded as 'conundrums'. They are 'purely theoretical' in the sense that they never perplex, or indeed enter in any way into business decisions and have no relevance to the causal sequence of economic events, which are clear-cut and determinate in spite of the quantitative indeterminacy of these concepts. It is natural, therefore, to conclude that they not only lack precision but are unnecessary. Obviously our quantitative analysis must be expressed without using any quantitatively vague expressions. And, indeed, as soon as one makes the attempt, it becomes clear, as I hope to show, that one can get on much better without them."* (Destaques meus)

Para não somente tentar elucidar o texto citado em suas aparentes discordâncias, mas objetivando conciliar as abordagens macro e microeconômica, partir-se-á desta última em contexto fenomenológico.

Uma *quantitativ analysis* demanda conceitos cognitivos abstraídos de emoções com suas *quantitatively vague expressions.* Seja ***E*** um agente microeconômico, empresário em economia de mercado, destacado líder de eventual governança. E seja ${}^{KforIE}a^{c}$ a sua formulação das entradas e saídas do caixa da empresa, em períodos anteriores ... t_{-3}, t_{-2}, t_{-1} ao atual momento t_{actual} (no Agora) inserido em t_0, assim como de suas expectativas para t_1, t_2, t_3, ... , com seus respectivos saldos de caixa $\boldsymbol{S}$. Lembrando que $\boldsymbol{S} \geq 0$ para períodos passados, potenciais desajustes sendo

[8] KEYNES, J. M. *The general theory of employment, interest and money*,1936, pdf, p. 26.

repassados ao futuro via empréstimos financiados por terceiro e desequilíbrios requerendo decisões ajustadoras.

A abordagem microeconômica possibilita o descolamento da ideia ${}^{IE}a^{c\varepsilon}$ do agente econômico entre o cognitivo $\underline{\boldsymbol{c}}$ e o emotivo $\underline{\boldsymbol{\varepsilon}}$, não só de ponto de vista analítico (ou *'purely theoretical'*), mas fatual. Pois em seu processo decisório, o empresário não se limita a considerar passivamente o fluxo de caixa passado, mas a perscrutar criativamente oportunidades futuras, objetivando majorar os resultados monetários $\boldsymbol{S}$ da empresa, ponderando riscos envolvidos, tanto no curto prazo como em relação a investimentos. Em consequência, atenderá os anseios ($\underline{\boldsymbol{\varepsilon}}$) seus e da governança. Independentemente de consideração de sentimentos e emoções de terceiros, sejam colaboradores, fornecedores ou concorrentes. Feito superestrutura racional que embasa o sucesso da empresa privada em economia neoliberal, como esteio e promotor da atividade econômica a nível macro. Ao Keynes[9] estipular o pleno emprego a ser ensejado em política econômica, além de se valer de vago conceito (*conundrum*) quantitativo, abstrai do fato de o nível de emprego na iniciativa privada decorrer de decisão que não necessariamente conduz àquele objetivo macro,

> *"In dealing with the theory of employment I propose, therefore, to make use of only two fundamental units of quantity, namely, quantities of money-value and quantities of employment. The first of these is strictly homogeneous, and the second <u>can</u> be made so."*

A quantidade de <u>moeda</u> $\boldsymbol{S}$ a ser auferida e maximizada, constitui a unidade quantitativa fundamental para um primeiro entendimento da dinâmica de uma economia de mercado. Talvez essa uma interpretação que se coaduna com a ponderação de Keynes[10],

[9] KEYNES, J. M. Op.cit., p.26

[10] KEYNES, J. M. . Op.cit., p.

> *"... that money enters into the economic schemein an essential and peculiar manner, ..."*

O saldo ***S*** do fluxo de caixa ${}^{KforIAE}a^{c}$ resulta de renda auferida ***R***+ com a venda de seus produtos e serviços, descontada a renda desembolsada ***R***- para pagamentos de insumos, bens de capital e serviços prestados, um contínuo fluxo monetário entre os agentes econômicos, produtores e consumidores. Cada qual querendo otimizar o saldo de seu fluxo de caixa. Uma feroz disputa pela renda monetária, onde ***R***+ significa a transferência de moeda de seus clientes (grosso modo) para o caixa da empresa, e ***R***- a transferência de renda a seus colaboradores e fornecedores.

No entanto, abaixo dessa superestrutura monetária "*clear-cut and determinate*" sem nenhuma "*quantitative indeterminacy*", pululam os $\underline{\boldsymbol{c}}$ e $\underline{\boldsymbol{\mathcal{E}}}$ dos agentes e pacientes últimos das decisões tomadas a nível empresarial. Pois os destinatários finais do PIB são os cidadãos consumidores que, não obstante participarem da busca de renda monetária, de imediato avaliam sua transação por bens e serviços. São esses os *animal Spirits* keynesianos que, em última instância decidem não somente sobre o acerto das decisões tomadas na superestrutura monetária ${}^{KforIA}a^{c}$, mas promovem, via a intensa concorrência na busca de otimização dos resultados líquidos em seus fluxos de caixa, o desenvolvimento da economia como um todo. Portanto, a componente emotiva $\underline{\boldsymbol{\mathcal{E}}}$ é, ou deveria ser, a decisória final sobre as alternativas cognitivas $\underline{\boldsymbol{c}}$ orientando o caminho nosso e da humanidade.

Porém, o empresário de fabricante de armas, tanques e mísseis, buscará ampliar sua produção em clima de guerra, o pecuarista e agricultor tenderá a incorporar áreas florestais amazônicas para a expansão de seu negócio, a indústria petrolífera a explorar intensamente jazidas do combustível fóssil com seus gases poluindo a atmosfera em desequilíbrios climáticos, a construção civil desbaratando recursos na

construção de palacetes e pirâmides em meio a favelas, todos subprodutos da dinâmica concorrencial na distribuição da renda. Foi esse o conflito entre empatia e brutal concorrência, que Smith não conseguiu transpor e que estigmatizou a teoria econômica ao longo dos tempos.

Ou então, tirano ou poderoso presidente em intitulada democracia representativa, decidindo sobre benefícios financeiros de bancos públicos a segmentos ou empresas privilegiadas, desonerando impostos a setores por interesse ou ideologice, alocando recursos do orçamento fiscal em desconsideração a anseios $\underline{\boldsymbol{\varepsilon}}$ de largas faixas da população, talvez até instigando a produção armamentista, como está a acontecer com as principais economias que, somente dessa maneira, conseguem ostentar um crescimento de seu PIB graças a exportações a países em potencial ou efetivo litígio, quiçá insuflado.

A superação das diferenças ${}^{IA}a^{c\varepsilon} \approx {}^{PB}a^{c\varepsilon}$ e dos mal-entendidos ${}^{KfaIlA}a^{c\varepsilon} \approx {}^{KfaIlB}a^{c\varepsilon}$ se tornou possível graças ao desenvolvimento de <u>instituições</u> capazes de impor a seus membros normas integradoras de seu comportamento, ao menos parcial, unindo seus esforços para a obtenção de objetivos de interesse de cada qual e do grupo como um todo. Entre outras, famílias, empresas privadas, religiões, ideologias, partidos políticos.

Para abrandar as divergências pessoais ${}^{IA}a^{c\varepsilon} \approx {}^{IB}a^{c\varepsilon}$, a sabedoria antiga instituiu dois modelos de ação democrática como apontados por Montesquieu[11], a <u>Ágora</u> das Cidades- Estado gregas e a <u>Dieta</u> das tribos germânicas, reunindo cidadãos e guerreiros, especialmente em ambiente de guerra. Não somente para <u>votação</u> das melhores propostas colocadas em discussão por suas lideranças, mas, principalmente para os participantes se despojarem ao menos um pouco de suas inibidoras

11

emoções particulares e, sob pressão, tendo em vista iminentes embates bélicos fatídicos para o todo e cada qual, criar ambiente propício à melhoria de empatia emocional de uns com os outros conseguindo compartilhar e desenvolver as ordenadas cognitivas, aperfeiçoando o processo decisório e, se não levando a consenso, mas a uma maioria mais consentânea indispensável para o sucesso do grupo. Forneceram o protótipo das hodiernas instituições desenvolvidas com o fim de estabelecer normas de ação a conjuntos de indivíduos, capazes de aglutinar seus comportamentos a objetivos socialmente estabelecidos. Como por pressuposto a flexibilidade intelectual de uma população pode ser descrita formando uma curva normal, à semelhança de uma distribuição de índice de QI (um dos componentes da flexibilidade, influenciado por traços culturais da respectiva sociedade e pela incidência de transtornos individuais), os indivíduos situados no estamento superior, dispõe da mais amplos vetores de ordenadas cognitivas e, possivelmente, de menor incidência de bloqueios psíquicos, beneficiando-se de positivos padrões culturais. Deveriam em princípio ser os mais indicados ao estabelecimento das normas institucionais.

As decisões tomadas com base em ${}^{KforIA}a^{c}$ por agentes institucionais, exemplificados por empresa privada em economia de mercado, ao final são avaliadas pelos cidadãos destinatários de bens e serviços do PIB, exigindo ajustes não só empresariais, mas em suas acumuladas repercussões às vezes drásticas como nas recorrentes crises macroeconômicas, justamente pelo lapso temporal entre decisões e sua avaliação final, dada a imprevisibilidade dos fenômenos econômicos sempre dependentes das ordenadas $\boldsymbol{\varepsilon}$ das individuais ideias ${}^{IA}a^{c\varepsilon}$ ao desembocarem em ${}^{PA}a^{os}$, gradualmente foi evoluindo uma pretensa solução puramente econômica, para um ajuste macro de cunho político.

Talvez sempre latente no conceito de Economia Política. Já prevalecendo nas Ágoras e Dietas, com cidadãos e guerreiros consultados sobre seus individuais saberes ${}^{IA}a^{c}$ de como enfrentar esperado conflito, movidos pelas aterradoras expectativas de sentimentos ${}^{IA}a^{\varepsilon}$ decorrentes das atrocidades às quais expostos em caso de derrota militar. Em tal ambiente de empatia, propiciou-se a conectividade entre as lideranças políticas e segmentos da população, enriquecendo as ordenadas cognitivas disponíveis no processo decisório, com maior probabilidade de sucesso em posterior ação, atendendo o emocional, inclusive dos líderes. Emblemática forma de organização política, revela o cerne da insituição democrática.

Com o crescimento demográfico, de alguns milhares daqueles tempos, para os milhões de habitantes em atuais nações, tal conectividade da população com seus dirigentes políticos requereu uma gradual sofisticação da estrutura política intentando preservar aquela original ideia democrática, que se mostrou bem-sucedida para o desenvolvimento econômico e social.

Após a dissolução dos impérios ocidentais, sua desintegração em reinados na Idade Média, o Iluminismo e a Revolução Francesa, em longo processo de desidratação do poder político das mãos de imperadores, reis, dignatários, ditadores, e finalmente, resultante das atrocidades das duas guerras mundiais do Século XX, se observa significativa evolução política na participação popular nas decisões impactantes a nível nacional em alguns países desenvolvidos. A república democrática representativa, em sua divisão constitucional entre Poder Executivo e Legislativo, já traz inoculada em seu bojo o potencial de desenvolvimento da conectividade entre representantes políticos e seus representados. Pois que certamente, ao menos em princípio, esse elo é bem mais factível entre cidadãos e seus numerosos

eleitos vereadores, deputados estaduais/federais e senadores, que via prefeitos, governadores e presidente. Em sua cúpula, tem-se, em nosso caso, 513 deputados federais e 81 senadores participando do processo decisório, em contraste com um único Presidente da República e sua governança de ministros, observando-se a gradual transferência do poder do Executivo para o Parlamento, desde a Constituição de 1988, tendência notória nos dois últimos mandatos presidenciais. Em outros países, o presidencialismo vem sendo substituído por semipresidencialismo e por declarado parlamentarismo, transmitindo ações executivas para primeiros-ministros.

Ao largo da legislação tributária, em regime presidencialista, o Executivo é corresponsável pela distribuição da Renda Nacional. São ao menos dois os meios pelos quais é exercido esse poder. a) Privilegiando taxas de juros sobre empréstimos de bancos públicos e mesmo privados a determinadas instituições, setores ou regiões. O privilégio de alguns no custo de empréstimos, corresponde a menor disponibilidade monetária para outros. Os favorecidos não são necessariamente os de maior potencial de melhoria do PIB e o IDH, hipotéticos parâmetros de avaliação de desenvolvimento econômico e bem-estar.

Intercedendo na legislação tributária, o Executivo consegue impactar na redistribuição da renda entre pessoas físicas e instituições. Por não dispor, de um lado, de suficiente conectividade para auscultar as ideias ${}^{IA}a^{c\varepsilon}$ dos afetados últimos em suas rendas, assim como da expectativa da repercussão sobre os seus $\underline{\boldsymbol{\varepsilon}}$, e por outro, dada a imprevisibilidade e desconsideração dos economistas sobre os $\underline{\mathbf{s}}$ das ${}^{PA}a^{os}$ resultantes da redistribuição, tal interferência pode não coincidir com as presumidas expectativas. Cabe um exemplo notório. Em 2011, o Executivo encaminhou ao Legislativo uma Medida Provisória (MP) desonerando 17 setores da economia do usual imposto de 20% sobre a

folha de pagamentos, substituindo-o por um mais benéfico tributo sobre o faturamento das empresas. O Legislativo, sem muito mais delongas, referendou a MP. Todavia, levantamento do IPEA efetuado por Heckscher[12] constatou que "Desde o início dessa política, os setores desonerados reduziram o número de empregos, enquanto os demais aumentaram as vagas". Qualquer processo decisório, como esse da governança do Poder Executivo (presidente e por ele nomeados ministros) resultando em MP como a da desoneração em 2011, obtém sua avaliação final, como benéfico ou prejudicial, a partir das ações que o mesmo enseja. A pesquisa do IPEA indicou que não foram atingidos os objetivos empregatícios e de incremento da atividade dos setores beneficiados. Supondo um ΔPIB = 0 e, portanto, em terminologia keynesiana, uma constância na quantidade de moeda mantida pelos envolvidos nos setores desonerados para fins transacionais e cautelares, a redução na carga tributária traria consigo, *ceteris paribus*, uma correspondente redução na arrecadação e aumento de eventual déficit público, ao mesmo tempo disponibilizando mais recursos para fins especulativos. Para compensar o desequilíbrio fiscal, a expansão monetária envolveria aumento da taxa de juros e de preços, acirrando a redistribuição da renda entre as pessoas físicas. Felizmente, outros setores "aumentaram as vagas", segundo a pesquisa do IPEA, talvez até mais que compensando os negativos reflexos da MP. Enfim, o fato de um presidente não dispor dos meios de comunicação, não somente com os setores interessados, mas com os **c** e os **ε** da maioria das pessoas físicas envolvidas com a possível desoneração em seu processo decisório, detinha o potencial desequilibrador do orçamento macroeconômico.

[12] HECKSHER, M. Ipea: setores com folha desonerada cortaram vagas e estão fora da lista dos que mais empregam. https://economia.uol.com.br › noticias › 2023/09/04 ›

Não decorrente de falta de previsão de sua equipe de economistas, algo impossível dada a imprevisibilidade dos **s** mesmo conhecidos os respectivos **ε** , mas decorrente da estrutural falta de conectabilidade entre agente Executivo e a diversidade da sociedade.

A elaboração do Orçamento da União, enquadrado nas Leis de Diretrizes Orçamentárias, permite, ainda, ao Executivo, ao Ministério da Fazenda, uma certa flexibilidade no detalhadamente da carga tributária incidente sobre cidadãos e instituições, assim como da destinação dos recursos arrecadados. Mesmo submetido ao Legislativo para posterior aprovação, é flagrante a fragilidade comunicativa dos saberes do Executivo com os cognitivos **c** dos vários segmentos da economia e muito menos com os emotivos **ε** da população em toda sua riqueza e diversidade, uma limitação sempre exposta, além do mais, às idiossincrasias do detentor do poder presidencial.

O relativo protagonismo do Executivo na democracia presidencialista, relega ao Legislativo um papel de certa passividade, com notórias implicações econômicas sociais. Trata-se de fragilidades na estrutura política contidas na Constituição de 88.

(1) A escolha dos candidatos às eleições é realizada pelos partidos políticos, a partir de diretórios municipais, estaduais e nacional. No interregno das eleições os eleitores se resignam a estrutural distanciamento dos eleitos, e vice-versa, quando caberia aos partidos o estabelecimento de uma conexão nessa lacuna comunicativa. Porém, a Constituição mostra-se omissa em seu Art. Art. 17 § 1º, deferindo ao livre arbítrio dos partidos a regulamentação da relação entre o filiado partidário e seu

diretório municipal. Além do mais, cerca de 80%[13] dos diretórios municipais estão reduzidos a meras comissões provisórias, ou seja, sujeitos ao notório caciquismo de nossa tradição republicana. Ao que se acrescenta o fato de somente 10% do total de eleitores serem filiados a algum partido. Infelizmente, já na base da estrutura política, constata- se uma fragilidade comunicativa dos ${}^{IA}a^{c\varepsilon}$ dos eleitores com os ${}^{IA}a^{c\varepsilon}$ dos seus representantes, os quais ficam restritos em seus conhecimentos no processo legislativo, ao desconsiderar contribuições **c** e interesses ***ε*** dos cidadãos, afetados últimos em suas decisões. O papel do diretório municipal de partido político consiste, ou deveria constituir, fundamentalmente, em captar propostas de seus afiliados, as ordenadas **c** das ideias ${}^{IA}a^{c}$, acionadas por impulsivas emoções ***ε*** consolidadas em ${}^{IA}a^{c\varepsilon}$, e, procedendo a uma primeira triagem das mesmas pelos membros do diretório, que, uma vez aprovadas por democrática maioria, se transformariam de proposta de cunho individual do afiliado em posicionamento oficial de instituição política. De âmbito municipal, orientando vereadores do partido para apreciação do plenário da Câmara e, caso aprovada, a ser executada pelo prefeito municipal. Se de interesse estadual, encaminhada para apreciação dos delegados do diretório, para sua integração na legislação e nas diretrizes governamentais. Ou mesmo como, por exemplo, a indignação de um filiado partidário com o poder de um Presidente da República em nomear ministro do STF, conseguir ser apreciada como proposta institucional pelo Parlamento. A disponível tecnologia

[13] Cervi, E.U. e Barbosa, F. Os diretórios partidários municipais, 2019

de informática (TI) possibilita elaborar sistemas comunicativos entre a base da pirâmide política, interligando os $^{IA}a^{c\varepsilon}$ dos filiados partidários com a cúpula parlamentar, e vice-versa, em curto espaço de tempo, atendendo às aspirações **$\underline{\boldsymbol{\varepsilon}}$** de bem-estar (IDH) dos cidadãos e enriquecendo as ordenadas **$\underline{\mathbf{c}}$** dos decisores legislativos com a consequente ampliação do espectro de suas ordenadas cognitivas e possível repercussão positiva sobre o PIB

(2) A elaboração do Orçamento da União, que em nosso presidencialismo cabe ao Executivo, é refém das restrições cognitivas de sua governança, assim como da dependência presidencial, ao visar governabilidade nacional, privilegiando determinados setores e instituições de poder econômico e político, equivalendo a arbitrário poder de redistribuição da renda nacional. Para suprir tais limitações, a democracia dispõe de superior instituição responsável pela legislação condicionante do Poder Executivo nos diversos níveis governamentais. Culminando no Parlamento, com seus numerosos deputados e senadores, com a incumbência de prover uma legislação capaz de atender e conciliar não só os interesses da sociedade como um todo, mas promotora do seu desenvolvimento, inclusive econômico, auscultando e filtrando a diversidade de conhecimentos dos cidadãos. Em decorrência de aperfeiçoamento da conexão democrática entre cidadãos e representantes políticos, a elaboração do Orçamento não só poderia, como deveria, caber ao Parlamento, mais exatamente, à Comissão Mista do Orçamento (CMO), prevista na Constituição em seu Art. 166, alterando-se, por PEC, entre outras mais, no § 1º nos incisos I e II os dizeres "examinar e emitir parecer" por "<u>elaborar</u> ... os planos e programas nacionais, regionais e setoriais...". Caberia ao Executivo a execução orçamentária, fiscalizada pela CMO. Obter-se-ia, no

arcabouço da redefinição das atribuições dos dois Poderes, não somente a sempre ensejada melhoria do PIB e IDH, graças ao acesso à riqueza dos vetores $\underline{\boldsymbol{c}}$ e dos conjuntos $\underline{\boldsymbol{\mathcal{E}}}$ da diversidade dos $\boldsymbol{A}$, liberando o potencial de criatividade das ${}^{IA}a^{c\varepsilon}$ da heterogeneidade populacional, entre nós tão acentuada. Mas, em distinção ao parlamentarismo com seus primeiros-ministros, aproximando-se ainda em demasia a presidentes em suas vicissitudes e lutas por poder, a transferência à CMO do planejamento e da fiscalização orçamentários, permite que a execução tributária e a gestão de gastos públicos permaneça com o Executivo e não seja atribuição de presidente da Câmara (feito primeiro-ministro) em sobrecarga administrativa e promiscuidade de funções de planejamento e execução, garantindo saudável equilíbrio entre as duas Casas do Parlamento.

VI
CONSIDERAÇÕES FINAIS

Adam Smith passou seus últimos anos tentando conciliar o sentimento de empatia com a aspereza da concorrência entre os agentes econômicos na distribuição da renda. Corresponde à inquirição de simbiose entre ordenadas cognitivas e emocionais em ${}^{IA}a^{c\varepsilon} \approx {}^{IB}a^{c\varepsilon} \approx \ldots$.

Debalde encontrá-la nos relacionamentos entre cidadãos e instituições em suas predominantes obsessões de assenhorear-se de maior fatia de renda ou de imposição idiossincrática, mesmo sendo os impulsos maiores do desenvolvimento econômico e social, mas nem sempre satisfatórios e bem sucedidos, como atestam falências, crises, revoluções e guerras.

Mesmo em nossa incapacidade epistemológica de dispormos de verdade absoluta, como pretendido por Hegel, da influência ideológica de lacuna institucional em Marx substituída pelo despotismo do socialismo de Estado, deficiente em auscultar conhecimentos e emoções dos cidadãos, em desconsideração da ordenada empática de nossa mente e predomínio do racional no neoliberalismo *laissez-faire*, a humanidade evoluiu para superior instituição política capacitada a conciliar conflitos no relacionamento social. O parlamentarismo - ainda imaturo, ao aperfeiçoar a indispensável comunicação entre munícipes e seus representantes partidários, sem imiscuição da função executiva - detém o potencial de ampliar e filtrar os cognitivos dos cidadãos, base das expectativas factíveis do processo decisório político, impulsionada por suas expectativas de sentimentos, que, transmitidas, são considerados nas decisões finais do Parlamento e, em suas divergências, por maioria simples ou qualificada, passando-as ao Poder Executivo. Em

detalhado acompanhamento e fiscalização pelo Legislativo, no correr de sua execução, enriquecendo cognitivos e atento à evolução dos interesses dos cidadãos como transmitidos pelos partidos políticos, desenvolve a dinâmica decisório para a realização dos intentos nacionais revelados pela população, imprevisíveis cientificamente.

VII
BIBLIOGRAFIA

ARISTOTELES. *Metaphysik*

BRITO, E.O. Franz Brentano e a descrição dos atos psíquicos intencionais: uma exposição esquemática do manuscrito *Psychognose* de 1890

CERVI, E. U. e BARBOSA, F. Os diretórios partidários municipais EINSTEIN, A. & INFELD, L. *Die Evolution der Physik* FOUCAULT, M. *Les mots et les choses*

FREUD, S. *Der Mann Moses und die monotheistsche Religion*

GADAMER, H. G. *Wahrheit und Methode*

HECKSCHER, M.D. IPEA

HEGEL, G.W.F. *Phaenomenogie des Geistes*

HEGEL, G.W.F. *Enzyklopaedie* der *philosophishen Wissenschaften*

HUSSERL, E. *Ideen zu einer reinen Phaenomenoloige und phaenomenologiscne Philosophie*

KANT E. *Kritik der reinen Vernunft*

HUME, D. *A Treatise of Human Nature*

KANT, E. *Beantwortung der Frage: Was ist Aufklärung?*

KEYNES, J. M. *The general theory of employment, interest and money*

LENIN: Werke, Band 14, S.340 und 341, em INSTITUT FÜR MARXISMUS-

MARX, K.. *Oekonomisch philosophische Manuskripte*

MARX, K. *Das Kapital*

MAUTNER, T. *A Dictionary of Philosophy*

NEWTON, D. *The Mathematical Principles of Natural Philosophy*

NIETZSCHE, F. *Also sprach Zarathustra* SMITH, A. *The Theory of Moral Sentiments* SMITH, A. *The wealth of nations*

STERNICK, V. P. O Problema da ordem social na obra de Adam Smith

A Editora Fi é especializada na editoração, publicação e divulgação de produção e pesquisa científica/acadêmica das ciências humanas, distribuída exclusivamente sob acesso aberto, com parceria das mais diversas instituições de ensino superior no Brasil e exterior, assim como monografias, dissertações, teses, tal como coletâneas de grupos de pesquisa e anais de eventos.

Conheça nosso catálogo e siga as nossas páginas nas principais redes sociais para acompanhar novos lançamentos e eventos.

www.editorafi.org
contato@editorafi.org

A Fenomenologia consiste em abordagem filosófica que vem se desenvolvendo desde o Século XIX e que busca melhor entender a relação entre um sujeito e os fenômenos por ele apercebidos. Em distinção às ciências naturais, ao estabelecerem relações entre fenômenos físicos, a fenomenologia visa elucidar a relação do ser humano com os seres por ele apercebidos, os fenômenos. No longo processo dos entes físicos ao constituírem configurações sempre mais complexas, incógnita pulsão (Ἔρως, apenas cognoscível por seus efeitos), fê-los evoluir para ser vivo capaz de aperceber os demais, contendo em mente o conhecimento dos mesmos. Dessa maneira, um unicelular em contato com outro ser, consegue conhecê-lo como objeto e avaliar sua ação sobre o mesmo como sentimento e, ao mesmo tempo, resguardá-lo em memória para decisões futuras. Face à complexidade epistemológica da percepção dos fenômenos, elaborou-se, aqui, uma simbologia para explicitar esse fundamental nível estrutural da mente, assim como o das ideias como lembranças de percebidos e da comunicação em sua associação de signos audiovisuais da fala e escrita com as ideias.

Em consequência dessa abordagem fenomenológica, torna-se questionável a postulação de verdade absoluta em filosofia (como ainda em Hegel após a teológica Idade Média) e a adoção de ideologias como socialismo e neoliberalismo, assim como a tentativa de elevar a teoria econômica ao nível de ciência.

9 786552 720634

editorafi.org

CC BY SA